

EX-

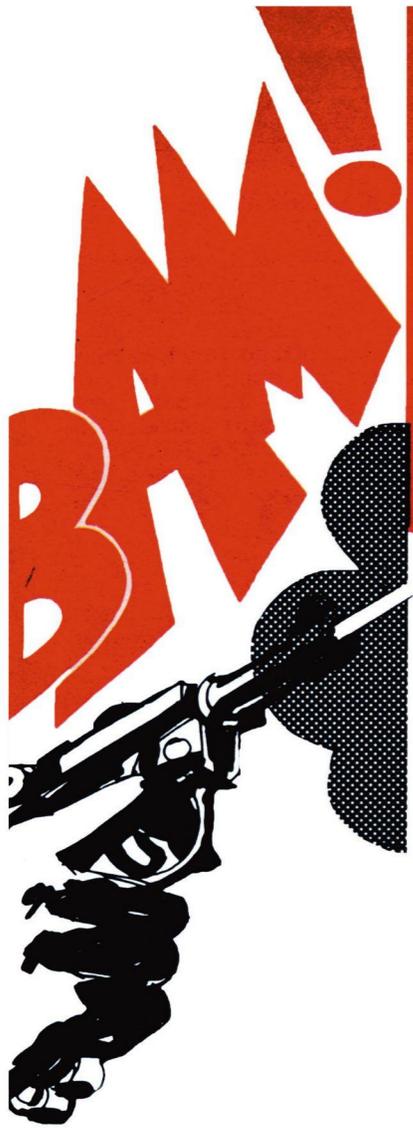
Um jornal de espionagem,
estrelas, psicanálise,
comedores de criancinhas,
anúncios e anúncios.
Percival, João Antônio,
Swift, Othoniel,
Flávio Márcio, Mao,
Zaragoza, Palhares.



10

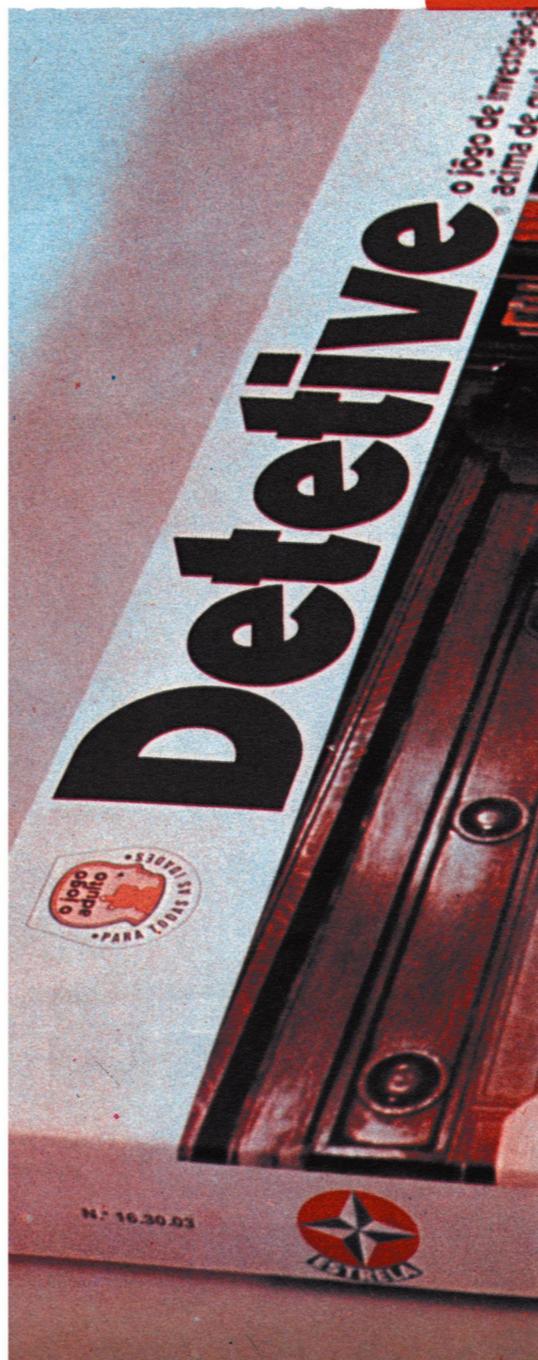


**ZONA, JOGO DO BICHO, CIA.
ERICH FROMM GARCIA MARQUEZ
GIL GOMES CARROLL**



Sherlock Holmes,
Hercule Poirot,
Inspetor Maigret,
Columbo e Cannon
não seriam capazes
de descobrir quem
cometeu este crime.

Você seria?

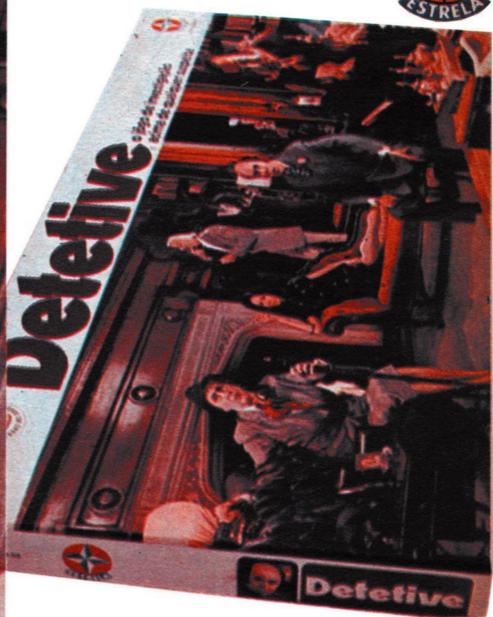


Detetive, o novo jogo da Estrela. Um mistério (ação! suspense! emoção!) para ser resolvido por até 6 pessoas. E para ser assistido por quantas couberem na sua sala.

Quem cometeu o crime? Onde? Com que arma? Ganha quem acabar primeiro com o suspense.

Agora você pode receber as suas visitas com um bom programa: um belo crime.

Detetive. Um verdadeiro caso de polícia. Da Estrela.



South Bend, Indiana, Abril de 1956

As empresas norte-americanas entrevistam universitários em busca de talentos para preencher suas necessidades de pessoal. Como aluno da Faculdade de Direito de Notre Dame, tive o primeiro encontro desse tipo. Falei com um homem chamado Gus, enviado por uma amiga da família, Virginia Pilgrim. Numa visita ela me confidenciara que gostaria de ver todos os filhos de seus amigos como funcionários da CIA.

Na verdade, a carreira na CIA não me pareceu excitante. Depois de formado, um espião levaria, pelo menos, seis anos em funções burocráticas, nos escritórios, antes de ser enviado para as empolgantes aventuras no Exterior. A única vantagem seria escapar do serviço militar — o que é bastante difícil nos Estados Unidos.

Com seis meses para pensar antes de ser incorporado às fileiras — voltei para casa, na Flórida, depois de verificar que seria um equívoco continuar na Faculdade. Não gostava do curso nem do regime dos padres católicos. Em casa o problema era o negócio da família. Meu pai e meu avô começavam uma grande expansão da sua empresa e contavam comigo para assumir um lugar na firma, o que também não me entusiasmava. Seriam, porém, apenas seis meses, antes do Exército. Escrevi novamente à CIA, lembrando meu encontro com Gus e pedindo uma nova oportunidade. Seria este o jeito, pensei, de evitar a chateação que seriam os dois anos do serviço militar. Além disso, interessei-me por política e relações internacionais.

Em abril de 1957, um ano depois daquele encontro com Gus, fui chamado a Washington para uma entrevista no escritório da JOT — Programa de Treinamento Básico de Funcionários, da CIA. Discuti com eles minha vida na universidade, os negócios da família e meu interesse por uma carreira em relações exteriores. Seria necessário ainda um teste, antes de mandarem fazer uma investigação completa sobre meus antecedentes. Quando mencionei meu interesse por relações exteriores, o dr. Eccles, diretor do Programa, disse que este era assunto para diplomatas. Funcionários do Serviço de Inteligência apenas reúnem e transmitem informações. Por fim, falou que gostaria de me ter entre eles.

Depois voltei a falar com Jim Ferguson, a primeira pessoa que havia me entrevistado ao chegar a Washington. Ele me disse que eu teria um contrato fictício como pessoal civil do Departamento da Força Aérea, antes de ser alistado como militar. Ninguém saberia de minha ligação com a agência durante todo o período.

Comecei a sentir uma espécie de satisfação íntima por ter um segredo, pois era como se estivesse a ponto de ser admitido num clube muito exclusivo. Dentro da agência eu seria uma pessoa real e honesta. Fora dela, porém, teria um segredo. Começava minha vida secreta.

Washington, Junho de 1957

As investigações da segurança terminaram e fui aprovado. Eu partia para Washington carregado de livros, discos, vitrola e equipamento de tênis. Junto iam alguns ex-colegas de Notre Dame, que não sabiam, contudo, que eu estava ingressando na CIA.

No escritório do Programa encontrei Ferguson e fiquei conhe-

cendo os dados do meu emprego: meu comandante, um coronel; meu supervisor, um major; todos "frios". Assinei, ainda, um acordo secreto quanto a tudo o que soubesse da CIA.

Do escritório fui mandado para um endereço, onde ficava o Conjunto de Pessoal e onde seríamos submetidos a testes escritos e ao detector de mentiras. Esperei duas semanas pela minha vez, jogando palavras cruzadas com outros candidatos. Quando, por fim, chegou a minha hora, cometi o erro de responder com meias-verdades. Em parte porque resistia àquela invasão na minha vida íntima, e também porque estava curioso em avaliar a eficácia do detector de mentiras. Perguntaram meu nome, data do nascimento, se já havia sido membro de alguma organização subversiva, se havia tido experiências homossexuais, se havia tomado drogas. Fui estúpido, pensei que poderia vencer a máquina.

Tudo começou no Edifício 13, um conjunto de instalações cercadas de arame farpado. Ali, um homem de uns 35 anos me recebeu e me levou para uma sala especial, dizendo que as respostas deveriam ser apenas "sim" ou "não". Minha expectativa era grande, pois há sempre essas histórias de que

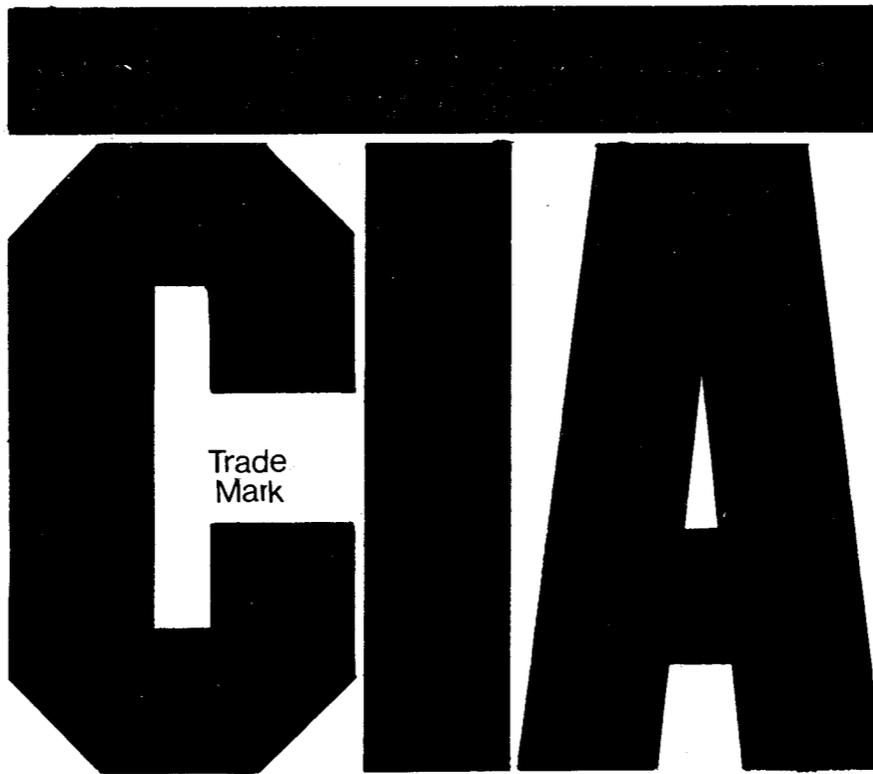
o detector de mentiras provocou as mais espantosas reações nas pessoas em que foi aplicado, coisas tipo desequilíbrios nervosos, traumas e até suicídio. Ele me repetiu as questões várias vezes e eu sempre insistindo que falava a verdade. Três dias depois, angustiado pela falta de um resultado do teste, acabei telefonando a Ferguson para admitir que havia mentido durante a prova. Ele, entretanto, antes que eu pudesse abrir a boca, disse ter boas notícias. Percebi que fora aprovado.

Voltei ao escritório para falar com Ferguson. Ele disse que meu processo de alistamento na Força Aérea, como pessoal militar, levaria ainda umas três semanas. Esse tempo eu aproveitaria para fazer um curso sobre comunismo internacional e outro sobre a organização burocrática da CIA.

Baltimore, Maryland Agosto de 1957

Parti para San Antonio, onde ia começar um período de treinamento de dois anos, longe do Quartel General da CIA. Ferguson observou, antes de partirmos de Washington, que eu devia considerar este tempo na Força Aérea como parte do treinamento do Programa. "Um tempo para amadurecer", disse ele.

MEMÓRIAS DE UM ANTIGO AGENTE DA CENTRAL INTELLIGENCE AGENCY, PHILIP AGEE.



Victorville, Califórnia Junho de 1959

Finalmente recebi ordens de voltar a Washington — quer dizer, para aquela unidade fictícia em que me alistaram. Tinha, também, encontrado Janet, minha namorada do tempo de colégio, que estava sendo adestrada pela CIA. Saíamos juntos quase todos os fins de semana, e falávamos muito em casamento, embora não estivéssemos certos sobre o que fazer.

Washington, Setembro de 1959

Janet e eu — depois de um mês longe da Califórnia — resolvemos nos casar.

Na nossa turma no Programa, éramos apenas 60 alunos, incluindo seis mulheres. As aulas inaugurais haviam sido solenes, com discursos e saudações. O momento culminante foi o discurso do diretor da CIA, Allen Dulles. Todos nos saudaram com afeição e concitaram-nos a segui-los nesta vida de deliberada abnegação, sacrifícios desconhecidos e coragem silenciosa, como guerreiros secretos das grandes batalhas do nosso tempo. Achei tudo muito romântico.

O escritório do Programa, por sua vez, arranhou-nos cursos noturnos de línguas estrangeiras. Agora Janet e eu tínhamos aulas de espanhol três vezes por semana. Tudo estava indo muito bem.

Washington Outubro de 1959

Acabamos um seminário de um mês sobre comunismo e política externa da União Soviética. Iniciaríamos, agora, um outro sobre organização governamental para a segurança nacional. Ai, aliás, é onde entrava a CIA. Parecia que todo o mundo desejava entrar para as operações secretas, o que significava outros seis meses de treinamento especial fora de Washington num lugar chamado "A Fazenda". Procurei Ferguson para lhe dizer que queria seguir para "A Fazenda".

As conferências e leituras sobre comunismo foram particularmente interessantes. Nada de filosofia — o materialismo dialético sequer foi mencionado. Tivemos apenas uma abordagem prática concentrada nos soviéticos, pois a CIA é uma organização basicamente voltada contra a expansão russa.

Washington Dezembro de 1959

Achei cansativo, embora fascinante, estudar a estrutura burocrática da CIA. Havia uma ênfase constante sobre as rígidas normas de segurança. Proteger informações é importante, uma vez que o conhecimento que temos do inimigo é, igualmente ilimitado. Para nos proteger devíamos erguer uma barreira de sigilo chamada Segurança. Isto se realizava através de um complicado sistema de recepcionistas, guardas, janelas com grades, detectores de mentiras, punições severas aos desleixados, compartimentalização de atividades e o princípio da "necessidade de saber".

Aqui é interessante assinalar que mais de 80% da informação que aparece nos relatórios secretos provém das chamadas fontes naturais — jornais, revistas técnicas e científicas, discursos políticos e outros documentos públicos. O restante é que é obtido pelos agentes secretos.

Uma parte da apuração clandestina das informações é feita pela Divisão de Planos, também

conhecida como Serviços Clandestinos, que têm postos e bases em quase todos os países do mundo. As divisões de operações dos Serviços Clandestinos encarregam-se das diversas áreas geográficas e de determinados serviços especializados, coordenados por quadros superiores que analisam, ainda, todas as suas atividades operacionais.

Temos, aí, três quadros superiores: Inteligência Externa; Guerra Psicológica e Paramilitar; e Contra-Inteligência. A Inteligência Externa está ligada à coleta de informações; a Paramilitar, às operações de ação; e a Contra-Inteligência, à proteção de ambas as atividades.

Quando saiu a lista dos aprovados para treinamento na Fazenda, eu fora incluído. A Fazenda é conhecida, oficialmente, pelo codinome de Isolamento. É um campo oculto para treinamento, a poucas horas de carro de Washington. Lá passaríamos a maior parte dos próximos seis meses. O funcionário que nos instruiu sobre a Fazenda destacou a extrema importância de se proteger a cobertura da base. Ela é um assunto tão secreto que recebemos ordens de não mencioná-la nem mesmo para os demais colegas de programa ou para nossas mulheres. Ninguém fala em Isolamento. Nas conversas a base é apenas "A Fazenda".

Seríamos transferidos para a Fazenda após o Ano Novo. A notícia me alegrou, pois conseguia ir para onde queria. Faltavam seis meses de treinamento e estudos. Depois disso, seria nomeado para um cargo na Divisão de Planos e, com mais um ou dois anos, poderia ser um agente secreto no exterior.

Camp Peary, Virginia Janeiro de 1960

A entrada da Fazenda, em Camp Peary, é por um insuspeito portão comum guardado por alguns soldados da Polícia do Exército. De chegada, fomos recebidos pelo comandante do Isolamento. Suas instruções foram precisas: algumas sessões de treinamento seriam realizadas ao mesmo tempo com estagiários estrangeiros que, na maioria dos casos, não sabiam sequer que estavam nos Estados Unidos. Não deveríamos também nos alarmar, pois de tempos em tempos ouviríamos o pipocar de baterias de armas, explosões e tráfego de aeronaves.

A base é dissimulada numa área coberta de matas espessas e rodeada por cercas de arame farpado. É dividida, internamente, em áreas rigidamente controladas: uma para a administração; outra para treinamento do pessoal do Programa; vila residencial dos funcionários; campo de aviação e diversos campos de treinamento específicos para cruzamento clandestino de fronteiras, sabotagem, tiro, operações aéreas e marítimas, emboscadas, fuga e encontros clandestinos.

Nosso curso tinha um currículo que continha as matérias agrupadas segundo as áreas específicas: informações, proteção e ação. Passaríamos também, um longo período estudando os "instrumentos" do agente clandestino (são todas as técnicas e equipamentos usados numa operação secreta). Por fim, teríamos aulas práticas.

Como todas as operações clandestinas são realizadas dentro de um contexto político, as primeiras instruções referem-se à criação dos fatores objetivos que propiciem o "ambiente operacional" ou "clima". Estes fatores incluem a

amizade ou hostilidade do governo em questão, o nível de adiestramento e sofisticação das forças de segurança do país, a eficácia dos movimentos de esquerda locais e outras organizações consideradas revolucionárias, a língua, o modo de vestir e demais costumes. Além disso, é importante considerar, também, a atmosfera política geral de repressão ou liberalismo.

Camp Peary, Virginia Fevereiro de 1960

A neve cobria tudo na Fazenda e o pessoal já se conhecia melhor. Encontravam-se pessoas de todos os tipos. O treinamento inclui ainda um período de preparo físico e adiestramento em defesa pessoal. Os instrutores ensinam todos os tipos de luta e as maneiras mais variadas para matar com as mãos nuas, indicando com precisão os pontos que devem ser golpeados, como no karatê ou judô.

Nas aulas teóricas estudamos os diferentes tipos de operações de Inteligência Externa — FI ou Kótube, em código — dirigidas pelo Serviço Clandestino. Além de descobrir segredos de Estado comuns, o Serviço Clandestino é encarregado de vigiar e obter o maior número de informações possíveis sobre o que chamam de manifestações do imperialismo soviético. Estas manifestações são, na verdade, os partidos comunistas locais e grupos políticos a eles relacionados. As operações são acionadas pelos Postos (escritórios da CIA nas capitais dos países estrangeiros) e Bases (que são escritórios regionais subordinados). Em geral os Postos ficam nas embaixadas norte-americanas e as Bases nos consulatos.

Como agir, então, para obter as informações que vão para os relatórios da Inteligência Externa? As fontes geralmente são os agentes assalariados de todos os níveis.

Existem, ainda, ações de categoria secundária, mas extremamente importantes, chamadas "operações de apoio". São missões que envolvem equipes de vigilância para tarefas como seguir pessoas nas ruas, postos de observação de prédios suspeitos, as formas mais variadas de documentação fotográfica, interceptação de correspondência e acesso aos arquivos policiais.

Outro tipo de operação da Inteligência Externa — muito comum em países amigos — é a ligação entre a CIA e as forças de segurança desses países. Nos países era desenvolvimento — onde as polícias locais não têm a sofisticação necessária para realizar operações conjuntas — esse trabalho é facilitado, pois a CIA pode realizar suas operações sem o conhecimento das autoridades locais.

Nossos exercícios, nesta fase do treinamento, eram aulas práticas de operações de Inteligência Externa. Meu trabalho era desenvolver relações com um líder de um partido nacionalista de oposição. Eu fazia o papel de um funcionário de Posto — com cobertura diplomática — enquanto um dos meus instrutores representava o chefe político. Eu precisava convencê-lo de que os interesses dos Estados Unidos e os do seu país eram idênticos. Tinha de ser cuidadoso. Mais uma reunião e achei que já poderia lhe oferecer dinheiro.

Camp Peary, Virginia Março de 1960

Operações de infiltração no Partido Comunista são todo o trabalho para penetrar e se infiltrar nos movimentos esquerdistas em qualquer lugar do mundo. O obje-

tivo da infiltração é recolher o maior número de informações sobre a capacidade dessas organizações de esquerda, seus planos, seus membros, seus pontos fortes e fracos. O método para chegar a essas organizações será determinado pelo ambiente político e, principalmente, pelo rigor da repressão exercida contra as esquerdas. Outro fator de maior importância é o nível econômico e cultural do país, pois isto se reflete diretamente sobre os grupos revolucionários, determinando seu grau de sofisticação ou vulnerabilidade. A CIA tem, como regra geral, que a infiltração num partido comunista é mais difícil quanto maior for a repressão das forças de segurança local que o obriguem a agir na clandestinidade. Da mesma forma, o recrutamento de informantes é mais fácil na medida em que os membros de determinada organização revolucionária são forçados a viver em condições de miséria econômica. Um esquerdistista de La Paz será mais facilmente levado a espionar do que um esquerdistista de Paris.

A infiltração em grupos revolucionários é uma atividade padronizada em quase todos os Postos da CIA. Geralmente os agentes são membros das organizações revolucionárias sobre as quais prestam informações. Seu recrutamento pode ser feito de várias formas, mas normalmente trata-se de membros do partido que concordam em oferecer seus serviços à CIA por necessidade de dinheiro, decepção ideológica ou outros motivos. Pode-se, também, recrutar uma pessoa de fora que se infiltrará na organização a ser espionada. Ou ainda, pode-se ter informações através da interceptação de telefones de residências ou pontos de reunião.

O programa de infiltração de um Posto da CIA inclui, ainda, o uso de armas ofensivas de operações psicológicas e para-militares. São elas: a) propaganda anti-comunista através dos meios de comunicação; b) conspiração e denúncia para que os dirigentes revolucionários sejam detidos pela polícia local; c) publicação de propaganda falsa, atribuída ao grupo revolucionário, de forma que seu desmentido seja impossível; d) organização de grupos de choque para espancamento e intimidação de membros da esquerda; e f) conyocação dos serviços de segurança locais para que efetuem operações de repressão.

Operações de Ligação

As operações de ligação, apesar de seus inconvenientes (pois descobrem parcialmente a CIA), são muito úteis. Nos países não-comunistas a política da CIA consiste em prestar ajuda aos serviços locais de segurança visando melhorar sua capacidade. Ao treinar, financiar e equipar serviços como a polícia, a CIA obtém informações valiosas. Alguns destes serviços locais, entretanto, estão de tal forma despreparados que necessitam de ajuda aberta do governo norte-americano. Nesses casos são enviadas as chamadas Missões de Segurança Pública, dentro de programas tipo Administração de Cooperação Internacional (atualmente esse serviço é prestado pela Agência Internacional para o Desenvolvimento — AID). Essas missões técnicas são muito valiosas, pois fornecem excelente cobertura para os agentes da CIA que vão misturados no seu pessoal.

Um funcionário da CIA infiltra numa dessas missões deve fazer com que os serviços locais fi-

quem aptos a executar tarefas que não podem ser incluídas no programa operacional do Posto. Nesse caso, as relações pessoais entre os agentes de ligação da CIA com seus colegas do serviço local são o ponto mais importante, pois permitem um fácil recrutamento de agentes de infiltração, especialmente com o uso de dinheiro.

Já as operações contra os governos dos países socialistas visam produzir, a longo prazo, um grande número de informações positivas para a Contra-Inteligência e para o Serviço de Inteligência Externa. A primeira regra a ser seguida é cercar a embaixada soviética, comprando todas as propriedades em torno da sede diplomática. Essas casas poderão ser usadas como postos de observação e base para instalação de equipamentos técnicos de espionagem. A meta final, porém, será recrutar funcionários soviéticos, e de outros países comunistas, para trabalharem como agentes da CIA.

Nossos exercícios práticos continuavam. Passamos a tarde nas cidades vizinhas à Fazenda em manobras de vigilância e mantendo encontros simulados de agente com os instrutores. Meu trabalho de ligação foi convencer um funcionário de um país amigo a aceitar dinheiro para cobrir algumas de suas despesas pessoais e começar a executar tarefas para mim, sem que seus superiores saibam dessa ligação.

Camp Peary, Virginia Abril de 1960

As operações psicológicas ou paramilitares — conhecidas como PP ou KUCAGE — sempre envolvem a ação e provocam efeitos visíveis. Por isso são muito arriscadas, pois quase sempre significam intervenção aberta nos assuntos internos de um país com o qual os Estados Unidos mantêm relações diplomáticas normais. Seu planejamento requer, como regra básica, arquitetar um "desmentido plausível" para o caso de falharem todos os esquemas armados para jogar a culpa sobre outra organização.

A guerra psicológica inclui propaganda (conhecida também simplesmente como mídia), trabalho nas organizações estudantis, trabalhistas, entidades profissionais ou culturais, além é claro dos partidos políticos.

As operações paramilitares compreendem infiltração em áreas proibidas, sabotagem, guerra econômica, intimidação pessoal, apoio aéreo e marítimo, logística, treinamento e apoio para pequenos exércitos.

Operações de Propaganda

A propaganda norte-americana, no Exterior, divide-se em três categorias: branca, cinza e negra. A CIA é a única organização do governo autorizada a fazer a propaganda negra, e participa, também, nas operações de mídia cinza. A propaganda branca é reconhecida e feita pelo governo norte-americano através de canais diplomáticos. A cinza, porém, é ostensivamente atribuída a pessoas ou organizações totalmente desvinculadas de qualquer ligação governamental. A negra constitui material cuja fonte não traz identificação ou pode ser atribuída a fontes inexistentes, como, também, ser falsamente atribuída a uma fonte real. Os veículos para mídias cinza e negra podem, ainda, ignorar que estão sendo induzidos pela CIA. Assim, editoriais de jornais e revistas, políticos, homens de negócios e outros podem fazer propagan-

da, mesmo quando estão recebendo dinheiro da CIA para fazer o trabalho, sem saber tudo a respeito do "jábá" que estão recebendo. Muitos, entretanto, saberão de onde está vindo o dinheiro. E na terminologia da CIA se faz uma distinção entre um e outro. São os agentes "voluntários e os "involuntários".

Um grupo de peritos em propaganda visitou-nos em Isolamento para nos mostrar exemplares de imensa quantidade de publicações que distribuem em todo o mundo. A parte mais interessante foi a de palestras sobre o trabalho de orquestrar o tratamento dado a um acontecimento importante, em vários países. Por exemplo: o Posto da CIA em Caracas telegrafia informações sobre uma conspiração comunista na Venezuela, para o Posto de Bogotá. Ali essa informação é disfarçada por um agente local de propaganda, que atribui a notícia publicada a uma suposta fonte diplomática venezuelana. Essa notícia de jornal é telegrafada aos Postos de Quito, Lima, La Paz, e Santiago. Dias depois, os jornais de todos esses países já estamparam notícias sobre o incidente venezuelano e começam a publicar editoriais sobre mais esta ameaça comunista. Isto forma uma pressão — orquestrada — sobre o governo venezuelano, que pode terminar tomando medidas repressivas contra os comunistas.

Tanto a propaganda negra como a cinza podem usar outros veículos, tais como livros, revistas, rádios, televisão, pichação de paredes, panfletos, decalques, sermões religiosos e discursos políticos.

OPERAÇÕES ESTUDANTIS

Depois da II Guerra Mundial a CIA começou a formar e a patrocinar organizações juvenis e estudantis para fazer frente a outras patrocinadas pela União Soviética. A CIA criou duas organizações internacionais: o Secretariado Coordenador de Associações Nacionais de Estudantes (atualmente denominada Conferência Internacional de Estudantes — ISC), com sede em Leyden; e a Assembléia Mundial de Juventude (WAY), com sede em Bruxelas. Ambas promovem atividades do tipo viagens, ação cultural e assistência social. Mas também funcionam como agências de propaganda para a CIA — principalmente nos países em desenvolvimento.

Uma das principais funções das operações da CIA entre a juventude estudantil, porém, é localizar e recrutar jovens líderes para servir como seus agentes.

Essas organizações estudantis, também, podem servir como base para a CIA montar operações de envolvimento de organizações estudantis católicas e democratas-cristãs. Em alguns países em que as lideranças comunistas atuam fortemente no meio estudantil, as organizações católicas ou as vinculadas a democracia cristã tem sido usadas com êxito pela CIA.

OPERAÇÕES TRABALHISTAS

O apoio e influência da CIA a operações sindicais são exercidos em três níveis: regionais, nacionais e internacionais, através da Confederação Internacional de Sindicatos Livres — ICFTU. Esta organização mundial de trabalhadores foi criada em 1949, quando confederações sindicais britânicas e norte-americanas retiraram-se da Federação Mundial de Sindicatos, e WFTU.

A política geral das operações trabalhistas é muito semelhante à que se aplica com relação ao meio

estudantil. Em primeiro lugar, os líderes da Federação Mundial de Sindicatos são constantemente qualificados de "lacaços de Moscou". Em segundo, o apoio constante e operações visando enfraquecer ou derrotar sindicatos dominados por comunistas ou grupos de esquerda. Em terceiro, apoio à Confederação Internacional de Sindicatos Livres e suas organizações regionais por meio de sindicalistas controlados pela CIA.

A CIA usa, também, a Confederação Mundial do Trabalho (ex-Secretariado Internacional do Trabalho) que, por seu sistema mais especializado, muitas vezes presta-se melhor aos objetivos da CIA do que a própria Confederação.

IMPRENSA

A CIA mantém uma campanha constante contra a Organização Internacional de Jornalistas (OIJ). Esta entidade, fundada em Copenhague em 1946, reunia jornalistas filiados e não filiados a partidos comunistas. Em 1950, foi aberta uma dissidência, liderada por anticomunistas que, com o apoio da CIA, reorganizaram a Federação Internacional de Jornalistas. Esta entidade, patrocinada pela CIA, fornece agentes em potencial e pode ser usada para combater a imprensa pró-comunista.

OPERAÇÕES DE AÇÃO POLITICA

As operações de ação política da CIA são destinadas a fazer com que um governo estrangeiro adote uma política particular frente ao comunismo. O contexto dessas operações vincula-se à avaliação do perigo da influência esquerdista num determinado país. As medidas para suprimir essas influências variam muito.

Frequentemente elas envolvem o apoio a determinados políticos de quem a CIA espera obter a ação desejada. Essas operações foram iniciadas depois da II Guerra Mundial, com a fundação de partidos anticomunistas na França e na Itália. Atualmente elas se concentram nos países em desenvolvimento onde as péssimas condições econômicas e sociais favorecem a agitação comunista.

A maioria dos postos cultiva políticos, tanto do governo como de oposição. Quando um político local é considerado "favorável", o funcionário do Posto procura uma forma de fazer contato e iniciar o apoio financeiro às suas campanhas. Invariavelmente esse político desvia parte dessa verba para sua conta pessoal, o que o torna dependente da CIA para manter seu nível de renda. A partir desse momento ele será facilmente conduzido a fornecer informações e a agir conforme as instruções do Posto.

Os políticos que ocupam posições em órgãos de governo ligados à segurança civil e militar são, também, alvos importantes para um funcionário da CIA, pois devido à instabilidade política frequente nos países em desenvolvimento, eles se encontram em posições-chave tanto para a informação como para a ação desejada pelo programa do Posto. Muitos deles ao assumirem postos em órgãos ligados à segurança, procuram contato com a CIA, pois ela facilitará a ligação do novo ministro com os canais de informações secretas.

Os militares — que são, afinal, os árbitros finais dos conflitos políticos em tantos países — são alvos essenciais para o recrutamento pela CIA. Há muitas maneiras para os agentes entrarem em contato com militares. Esse contato tanto pode ser feito no próprio

país, como, também, quando são enviados aos Estados Unidos para cursos de aperfeiçoamento.

As ações políticas dirigidas pela CIA são tão variadas quanto a própria política. Uma tarefa de rotina e de maior prioridade é incriminar funcionários soviéticos de missões diplomáticas ou comerciais visando provocar sua expulsão do país. Os políticos que trabalham para a CIA devem assumir uma linha dura e obstinada contra seus conterrâneos engajados em atividades comunistas ou esquerdistas. O sucesso, neste caso, será a proscrição de partidos políticos de tendência esquerdista, prisão ou exílio de suas lideranças, fechamento de suas sedes e comitês, proibição de suas publicações e manifestações.

A CIA não se limita, porém, a financiar e a dirigir políticos. Ela intervém diretamente em operações eleitorais sempre que as situações forem consideradas perigosas aos interesses norte-americanos. Para isto age através de um partido político, financiando diretamente candidatos "voluntários" ou "involuntários". São operações caríssimas que devem ser iniciadas pelo menos um ano antes das eleições. Nesses casos, são usados todos os meios de atuação: propaganda maciça e campanhas de relações públicas, criação de organizações de fachada e mecanismos de financiamento (geralmente por meio de executivos norte-americanos residentes no país), formação de grupos de choque para intimidação da oposição, provocação e boatos que possam desacreditar candidatos indesejáveis. Os fundos devem, ainda, prever verba para compra de votos e suborno de apuradoras eleitorais.

A ação política da CIA não exclui, também, soluções anticonstitucionais. Se uma situação pode ser mais convenientemente desviada no sentido de atender aos interesses norte-americanos por meio de um golpe de Estado, por exemplo, a CIA deve fazer tentativas para que o golpe seja desfechado. Embora a CIA sempre use argumentos anticomunistas para precipitar o golpe, barras de ouro e sacos de dinheiro constituem o método mais eficaz. Muitas vezes as coisas podem ser ordenadas: uma bomba-relógio instalada por um agente, explode, seguem-se passeatas e tumulto; finalmente, uma intervenção militar em nome da restauração da ordem e da democracia. Operações desse tipo foram realizadas com êxito no Irã em 1953, e no Sudão, em 1958.

Há vezes em que a ação política é insuficiente para corrigir a situação política de um determinado país. Nesses casos a CIA efetua, diretamente, operações que podem incluir atuações militares, embora nunca o governo dos Estados Unidos apareça claramente como mentor de tais forças. Estas são operações de guerra não convencional, chamadas de paramilitares. Aos alunos da Fazenda elas oferecem um fascínio especial, com fortes conotações de heroísmo, resistência, guerrilhas. Camp Peary é uma das principais bases de treinamento de pessoal para operações paramilitares.

Ali é treinado pessoal para preencher as necessidades de infiltrar pessoal especializado em determinadas regiões da União Soviética ou da China Comunista. Em parte esses agentes chegam a seus postos entrando ilegalmente no país por terra, mar e ar. Uma vez seguramente infiltrado numa área proibida, um agente, ou um grupo deles, pode executar uma infinidade de missões clandestinas. Fre-

quentemente a missão desses grupos é esconder armas, equipamento de comunicações e material de sabotagem para serem utilizados por uma outra equipe. O material de sabotagem inclui contaminadores de gasolina para paralisar veículos ou comboios, material para empastelar impressores, e bombas explosivas ou incendiárias para afundar navios que são disfarçadas para parecerem pão, lâmpadas, bonecas ou pedras. Assistimos a demonstrações impressionantes dos instrutores sobre o funcionamento de tais engenhos e da própria habilidade desses especialistas.

A Seção de Guerra Económica faz parte das Operações Paramilitares. Suas missões compreendem a sabotagem de atividades econômicas essenciais ao país visado. Podem ser efetivadas de diversas maneiras. Uma delas é o boicote a importações de produtos vitais à economia, como o petróleo, por exemplo. Outra pode ser a contaminação de um produto agrícola de exportação, como foi feito através das sacas destinadas à exportação do açúcar cubano. Ou ainda, outros tipos de sabotagem: inutilização de peças de reposição para tratores, ônibus ou caminhões. Dezenas de artimanhas podem ser utilizadas para arruinar transações comerciais de países visados pela CIA.

A Seção Paramilitar coordena, ainda, o suprimento de armas e munições de combate para forças irregulares apoiadas pela CIA. Embora a Seção de Apoio Aéreo e Marítimo supervisione a atividade de suprimento de equipamento para insurgentes, em casos especiais o Departamento de Estado (equivalente, nos Estados Unidos, ao Ministério de Exterior) poderá fornecer aos rebeldes certos recursos adicionais, como aviões. Operações com tal magnitude foram realizadas pela CIA, como a invasão da Guatemala em 1954, a resistência tibetana contra a China, em 1958/59 e a rebelião contra o governo de Sukarno, na Indonésia, em 1957/58. Atualmente a CIA ainda treina forças irregulares no Vietnã do Sul e Laos e promove um número crescente de sabotagens e operações paramilitares em território cubano contra o governo de Fidel Castro.

Intimamente ligadas às operações paramilitares estão as medidas destrutivas conhecidas como "ação militante". O Posto da CIA num determinado país contrata grupos de choque (chamados de "esquadrões de intimidação"), geralmente formados por ex-policiais para assustar esquerdistas e seus simpatizantes. Esses esquadrões atacam locais em que se realizam reuniões, e tumultuam manifestações. O quadro de Serviços Técnicos de Divisão de Planos (Serviços Clandestinos) é que produz uma enorme variedade de armas e artefatos para serem usados nesses casos. A CIA dispõe de líquidos de cheiro horrível, em pequenas ampolas de vidro, para serem jogados em salões de reuniões, tornando o ambiente insuportável. Tem ainda um pó muito fino, que adere ao chão. Este pó pode ser espalhado num ponto qualquer e fica imperceptível até as pessoas começarem a se mover. Então, tem o efeito de um violento gás lacrimogêneo. Há um líquido incolor que, colocado no café, estimula as pessoas a falar sem inibições, tornando embaraçosos seus gestos, atitudes e palavras pronunciadas numa conferência, por exemplo. Há milhares de meios de ridicularizar pessoas, como um charuto que produz distúrbios em quem o fuma.

Nosso treinamento em operações paramilitares prosseguia. Os instrutores insistiam na necessidade de se obter informações secretas dos agentes engajados em operações de ação. O financiamento dessas operações, contudo, principalmente quando envolvem organizações estudantis e trabalhistas, é o eterno problema. Elas dependem da criação de entidades de fachada perfeita para encobrir a CIA. Depois, o problema é arranjar uma maneira discreta e eficiente de passar o dinheiro. Se o pagamento é direto, não há grandes dificuldades, pois quem o recebe é um agente "voluntário". Se não, a decisão torna-se difícil, pois precisa de um esquema perfeito de segurança e uma eficiente cobertura, além de se ter de optar por qual o melhor método para garantir que o receptor do dinheiro fará aquilo pelo qual está sendo pago.

CAMP PEARY, VIRGINIA

Os exercícios práticos foram bem mais agradáveis que os teóricos, principalmente quando chegou a primavera. O único inconveniente é que fomos atacados por hordas de carrapatos durante o treinamento paramilitar. Tivemos treinamento de evasão e transposição clandestina de fronteiras e, durante a noite, exercícios de infiltração noturna, marítima e aérea. Praticamos tiro com pistolas rifles e metralhadoras. Em julho, houve um curso de especialização em operações paramilitares, com três meses de duração. 10 ou 15 alunos apresentaram-se como voluntários. Mais tarde eles foram enviados em missões especiais contra o Vietnã, Laos ou Cuba.

Surgiu, também, um outro problema. A turma de alunos ficou revoltada contra o programa, pois não sabemos mais se estamos em exercícios de treinamento ou numa operação real, ou ambas ao mesmo tempo. O moral estava baixo e o

ressentimento aumentava dia a dia. Eles também caíram em cima de nós, alegando que não nos preocupávamos com os "instrumentos" nos exercícios práticos. Semanas antes, alguns dos nossos foram presos ao serem apanhados fotografando numa área proibida. O pessoal saiu numa missão de fotografia clandestina. No local, eles pularam a cerca e começaram a fotografar como se estivessem numa praia. Os instrutores reclamaram do mau uso dos "instrumentos" — instrumentos são todas as técnicas para manter o sigilo de uma operação secreta: escolha do local de encontro, contra-vigilância antes e depois da reunião clandestina, uso de disfarces, sinais de segurança e perigo antes dos encontros, precauções no uso de telefone, métodos para detectar a instalação de microfones em ponto de encontro e técnicas de comunicação.

A cobertura está intimamente ligada à segurança operacional, pois ela é a mentira preparada para que uma operação secreta pareça ter um objetivo legítimo. Por exemplo: uma fundação pode servir de fachada ideal para a distribuição de dinheiro; uma empresa aérea, para as operações paramilitares; uma firma comercial legal, como emprego para um homem da CIA no Exterior. O elemento mais importante de segurança talvez seja a comunicação com os agentes. O tipo mais eficiente para comunicações entre funcionários da CIA e seus agentes locais é, seguramente, o encontro pessoal. Entretanto, é o mais perigoso. Essas normas de segurança, em áreas proibidas chegam frequentemente a extremos. Os agentes se comunicam por transmissões de rádio, em código, e seus relatórios são escritos com tinta invisível.

Em qualquer operação clandestina, alguma forma de treinamen-

to terá de ser aplicada, desde precauções corriqueiras de segurança até instruções altamente especializadas sobre o uso de algum equipamento sofisticadíssimo.

As instruções sobre o controle dos agentes são importantes porque cada agente é diferente, e todos precisam cumprir as missões que a CIA determina. As vezes o agente precisa ser induzido, outras lisongeado, alguns ameaçados. "Agente" é a palavra que a CIA usa para designar a pessoa que trabalha no fim da linha, que quase sempre não é americano. É ele, também, quem executa as operações.

O funcionário de um Posto sempre tem problemas de pessoal, e por isso está sempre à procura de novos agentes. As vezes o recrutamento é feito em nome da CIA. São os casos que envolvem cidadãos norte-americanos ou alvos de alto nível para operações paramilitares. Na maioria dos casos, porém, o recrutamento deve ser feito sem um patrocínio claro, ou fazendo o agente acreditar que trabalha para outra organização. É o chamado "recrutamento de bandeira falsa".

Um ponto delicado é a "dispensa do agente". Se o afastamento é amigável, não é tão difícil. Geralmente, negocia-se um acordo financeiro, cuja base essencial para cálculo da indenização é o dano que ele poderia provocar caso não pretendesse ser dispensado. Consultado sobre até que ponto pode ser drástica a dispensa de um agente em soluções difíceis, o instrutor não quis fazer comentários, sem rejeitar, contudo, as "soluções finais".

CAMP PEARY, VIRGINIA JUNHO DE 1960

Este foi o mês das operações técnicas. Tivemos de aprender, na prática todas essas habilidades. Embora já estivessem os acostumados, os instrutores continuaram

dando duro. Parece que desejavam criar um clima de tensão para as manobras finais, nos campos militares de Baltimore e Nova York na última semana de curso. Passamos longas horas nos laboratórios, estudando as quatro principais funções técnicas: áudio, fotografia, envelopes e selos, e escrita secreta.

Nos últimos dias os instrutores fizeram demonstrações de algumas técnicas de arrombamento de cofre e portas. São tarefas muito especializadas e sempre que algo dessa natureza tem de ser feito, técnicos especializados viajam aos países onde seus talentos são requisitados. Os funcionários comuns, porém, devem ter conhecimentos suficientes sobre essas técnicas, para saber quando solicitar seu uso.

Semanas depois tive baixa da Força Aérea. Agora sou um empregado civil do Departamento da Força Aérea, como quando cheguei a Washington, há três anos. A unidade de cobertura é outro escritório fictício do Pentágono.

Ferguson esteve no quartel-general e abriu nosso encontro com um curioso discurso sobre a crescente necessidade de novos funcionários na Divisão do Hemisfério Ocidental. Castro é a revolução cubana estavam causando cada vez mais problemas para a CIA em toda a América Latina. Minha reação foi de decepção, pois sepultava todas minhas fantasias de ser um agente de capa e espada no Vietnã ou Hong Kong.

Ferguson, contudo, assegurou-me que eu poderia pedir transferência seis meses depois. Continuei não gostando. Parece que 10 ou 15 de nós estão designados para a Divisão do Hemisfério Ocidental, o que melhorou um pouco as coisas. Além disso, todas aquelas horas no laboratório de línguas, onde estudei espanhol, finalmente poderiam ser úteis.

Só há um serviço secreto realmente capaz de competir com a CIA: é a DIA, Defense Intelligence Agency, dos Estados Unidos. O seu nascimento está ligado a um dos grandes erros da CIA: o fiasco da Baía dos Porcos, em Cuba, em 1961.

Ela foi criada por Robert McNamara a 1 de agosto de 1961, mas só começou a funcionar em outubro do mesmo ano. A direção foi confiada ao tenente general John F. Carrol, antigo chefe do FBI, e os lugares 2 e 3 ficaram com homens da CIA, o general de divisão William W. Quinn e o contra-almirante Samuel B. Frankel. A DIA logo se tornou inimiga íntima da CIA, disputando as suculentas verbas oficiais. Mais discreta, a DIA conseguiu com mais eficiência levar adiante o seu *dirty trick* (jojo sujo) na derrubada de governos constitucionais na América Latina, Ásia e África, superando nitidamente a CIA. Os homens da DIA agem exclusivamente no âmbito militar, não precisando mudar de nome, nem minimizar as suas atividades, nem pedir vistos especiais.

Nos aviões militares norte-americanos eles voam permanentemente da base Albrook, na zona do canal do Panamá, sede do Southern Command, para transportar ordens e agentes. O Fort Gulick, tradicional centro de treinamento, também situado no Panamá, é outra base perfeita para o sistema de infiltração — oficiais de muitos países do continente são treinados ali. Os oficiais norte-americanos, por sua vez, passam pelas capitais latino-americanas

AGORA A DIA, ALÉM DE TUDO

Este é o quadro de todos os serviços de informação americanos em 1972.

Como se vê, a CIA perde longe para a DIA, em número de agentes e verbas.

	em milhões de dólares	agentes em serviço
DIA	5.400	135.000
CIA	750	16.500
Inteligência e Investigação do Departamento de Estado	8	350
Divisão de Segurança Interna do FBI	40	800
Divisão de Inteligência da Comissão de Energia Atômica	20	300
Departamento do Tesouro	10	300

para fazer contatos e levar informações aos centros de treinamento. Drew Middleton escreveu no "New York Times" que pelo menos sete militares chilenos que participaram da derrubada de Allende foram treinados no Panamá.

Uma das primeiras vítimas da DIA foi John Kennedy, pois a política da DIA estava seguidamente em choque com a do Departamen-

to de Estado. Assim, logo depois de Frondizi caíram inúmeros governos no continente, sempre com a colaboração da Defense Intelligence Agency. A velha mania de ver o diabo sempre na CIA fez com que a DIA não tivesse reconhecido a sua real participação nos acontecimentos. Mas se analisarmos os antecedentes do pessoal da embaixada dos Estados Unidos em Santiago compreenderemos

que havia muita gente ligada a DIA. Exemplo: Raymond Alfred Warren, Frederick W. Latrash, John W. Isaminger, Joseph W. Wheelock e Dean Roesch Hinton e mais Nathaniel P. Davis (atualmente secretário de Estado adjunto para os problemas africanos) e o furioso Harry W. Shlaudeman (hoje na Venezuela), que teve entre seus antecedentes a participação na queda de Juan Bosh, na República Dominicana.

O jornal "El Mercurio" ironizou as denúncias do ex-agente Michael J. Harrington a respeito das despesas da CIA para a derrubada de Allende ("somente 12 milhões de dólares"). O proprietário do "El Mercurio" tem muitos amigos no Pentágono para ignorar as responsabilidades da DIA, além do trabalho da NSC (National Security Council), que decide sobre operações clandestinas, inclusive golpes ou o "enfraquecimento de governos".

E nesta matéria, como em outras, Kissinger tem sido brilhante. De fato, a DIA e a NSC trabalham juntos, embora aparentemente estejam isoladas. James Schlesinger hoje secretário da Defesa, foi um dos diretores da CIA no passado. Ele tem falado muito sobre a CIA. Curioso é que não toque nunca nas ações da DIA. Talvez, se ele e outros falassem, pudessem ser esclarecidos muitos episódios confusos da história contemporânea.

De Gregório Selser, jornalista argentino, autor de 20 livros sobre a História da América Latina.

Percival de Souza

"Mais vale um 22 na mão do
que dois 45 voando."
(João Conde)

Baixa Sociedade



ALEGRIA

De início, minha saudação aos repórteres policiais que aparecem entrevistados neste EX: Beija - Flor, credencial 001 dos chafrás; Gil Gomes, de grandes penetrações hertzianas pelo povão. Aos dois, um fraternal abraço e disponham da coluna para qualquer transa da grande baixa sociedade que existe nesta terra amada.

TRISTEZA

É com profundo pesar que comunico a morte do Sebastião Matos, o meu consideradíssimo "Pé de Chumbo". Querido não só por mim, mas pela Betona e pela Terezona, pela Carola, pela Baiana do Simca, pelo Gavião, por toda a curriola, enfim que compunha a hoje quase falecida boca-do-lixo. "Pé de Chumbo", negrão imenso em tamanho e bondade, era tira aposentado; enquanto não ficou de cama, curti uma boca diária, dando sábios conselhos à impetuosa moçada de hoje. Homem honrado e decente, estava fora de circulação há tempos, de molho em sua casinha lá em Santana.

Foi-se, e muita gente vai ficar sabendo disso pela coluna. Foi sepultado na Vila Formosa. Profeta, não sei, Pé de Chumbo me pediu, há alguns anos, para levá-lo, "pela última vez", à sua terra natal-Pinhal, SP. Levei e ele ficou feliz, muito feliz. Eu também. Descanse em paz, Sebastião.

PLA USP

Estive em fevereiro na USP, dando um plá no curso de férias organizado pela moçada de Ciências Sociais. Co-

mo o bate-papo esticou-se até tarde, não houve tempo para responder a todas as perguntas formuladas, eis que meu IBOPE estava um tanto quanto razoável - obrigado, irmãos. Uma das perguntas que ficou sem vez: "como você descreveria a posição que assume em relação a policiais e marginais em sua atividade jornalística, principalmente na coluna Baixa Sociedade, da revista Ex -?". Seguinte: como diria meu amigo Osmar, cochilou o cachimbo caiu. Meu negócio é de dar colher a quem precisa e merece, e sentar a pua nos pilantras conscientes — e isso de ambos os lados. Quixotesco, não?

REBÚ

Por falar em pilantras conscientes: na coluna anterior falei (de leve) sobre uma pifia festa, na qual pululavam seres desmunhecantes dando baixaria. Aproveitando-se de minhas férias, os adeptos da baixaria lançaram mão do mural de conceituado jornal desta urbe, para jogar pedras. Quem tem telhado de vidro, como é o caso da canalha, não pode jogar pedra. Então, "A Boca Pergunta". Ou "A Boca Acusa".

Reles miriapode — ... o mundo já está cheio de machão (...). você agora virou dedo-duro?"

Chumbo: se você quiser dar viva aos campinildos, problema seu. O que me invocou foi essa de "dedo".

Quando alguém — muito seu considerado — dançou com canabis sativa em cima a quem você, muito lacrimajante, recorreu? Ao "dedo" (?) aqui, que quebrou-

lhe uns bons galinhos. Amnésia? Para o seu bem (apesar de tudo, colher de chá), paremos aqui. Grrr...

Pifio molusco — ... "você nunca deveria ter saído da Baixa Sociedade".

Chumbô: — à medida em que convivo com caras como você, eu não deixo a baixa, meu filho. Por isso, nunca sai! Agora, tem o seguinte: prefiro mil vezes conversar com o João Conde, por exemplo, do que com você. É mais autêntico, sabe? Mesmo tomando café de canequinha...

SÃO PEDRO A PLENO VAPOR

O que S. Pedro está requisitando de capivara na baixa sociedade não é fácil. Os vagaus estão sendo faturados quase todo dia, principalmente pelos boinas pretas. Filosofia: quem manda arrebite não recebe florzinha. Está indo gente pacas pro beleléu e assim mesmo São Paulo registra de 30 a 40 casos por dia, sem contar as carangas, sinal de que a baixa malandragem está a perigo, a fim de matar ou morrer. Enquanto isso, o hotel do Seu Guedes, na Cruzzeiro do Sul, anda pior que lata de sardinha: quase 5.500 enjaulados, para uma capacidade normal de 2.200.

No Rio, numa treta de cadeia, Pedróca puxou o prontuário do Lúcio Flávio Vilar Lirio. Um paspanata espeto (18 pontacos) no chamado "Lirio Diabo" enquanto ele puxava uma palha. Interesses? Bardal! Tem nego que festejou por mais de um mês o sono eterno do "Lirio Diabo" — e estou até esperando uma cartinha do Mariel, que sempre me escreve para contar lances quentes. Flávio sabia das coisas, talvez demais...

No meio de fevereiro, um considerado de Lúcio Flávio, o fumacê e traficante "Itália" — Edir da Silva Graça — amanheceu com a boca cheia de formiga e 15 azeitonas por todo o corpo. Para variar, isso se deu em São João do Meriti, RJ. É a guerra do fumo.

DATA VÊNIA: CUIDADO

O meu considerado Flávio, majura 0km, passou uns tempos no 43.º DP. Não é que um data vênica pilantra montou um acampamento em frente e passou a cobrar 500 mangotes de tudo quanto é loque que chegava para prestar depoimento? Pois é, o tal data vênica, um tal de Márcio, cuja cara-metade se formou este ano pelo Mack, como o meu amigo Hugo

Matsu, dava esse grupo em cima dos coitados e ia faturando. O meu amigo majura esculachou com o data vênica, e depois com os dedos-duro (viu, miriapode?) do pedaço, e com os ratos e escribas trutas. Ai foi ele que rodou... é, Flávio, na justa é duro ser pedra 90!

75 DIFERENTE

Para bem daqueles que estão por baixo na baixa sociedade, o atual diretor do órgão supremo dos encanados — Depto. de Xilindrós — vai cair do burro. O paspanata W. Nogueira vai ter que entregar o cargo para o meu considerado Diwaldo, que assumirá em março. Na Secretaria dos Capas Pretas também teremos mudanças positivas.

LEI DO CÃO

Edmo Oliveira deu o plote do xilindrô de Uberaba, MG, e veio para Santos, onde estava a fim de dar uns escrunchos. Convidou seu cunhado, Elói Bernardo dos Santos, para ajudá-lo nos assaltos. Elói, que não era tatu, deu para trás e... resultado: Edmo quebrou-lhe o maxilar inferior, cortou-lhe a língua e quebrou dois dentes. Elói ficou muito mal e Pedróca, para amenizar-lhe os sofrimentos, puxou sua capivara. Antes de pifar, Elói escreveu o nome de Edmo num papel. Ele vai dançar logo logo...

NOVOS HÓSPEDES

No hotel de seu Guedes, três novos hóspedes, todos de destaque: George Kastalsky, o Pink, o maior caranguejeiro desta praça; José Paz Bezerra, o estrangulador de mulheres (oito em SP e duas no PA) e João Conti de Souza, o "Monstro do Morumbi" — segundo NP e derivados sanguinolentos.

Pink, que já estivera no casarão de seu Guedes, conseguiu escafeder-se engrupindo os chafrás da escolta, durante uma viagem para audiência com capas-pretas cariocas. Foi recapturado pelo doutor Paranhos, em Assunção, Bezerra foi grampeado em Belém, terra de chuva todos os dias às 4 da tarde, aprazível cidade-natal amada pelo meu considerado Antônio Contente.

Agora, o Conti chegou faz pouco ao hotel de seu Guedes, porque curtiu uns tempos de Penita, já que tinha uns balaços na perna, quando uma patota de chafrás o pôs para dentro. Famoso, chegou à prisão e um cara quis esculaçá-lo, com um hollywoodiano beijo, diante de

uma platéia de uns 500 presos. Preocupado com seu prestígio, Conti fabricou um estilete e espetou o cara no dia seguinte, faturando-o. Moral alta e mais uns 20 anos de galéra — é a implacável lei do cão.

Tanto Pink, como Bezerra e Conti deverão curtir longos anos de xilindrô. Outro famoso do time, o Luz Vermelha, desmunhecou de vez na Penita, tornando-se íntimo do cozinheiro. Essa notícia deve alegrar muito a Reles Miriapode, ser que defende a seguinte tese: "o mundo já está cheio de machão".

E O BICHO, HEIN?

Parisi, um dos bons do jogo-do-bicho, deu um grupo que se mandou para a Europa, como o reles miriapode um pouco acima. É que eles e outros chefões do bicho estão grilados com a perspectiva de legalização do jogo. Cujas não lhes interessa. Um considerado meu, que trampa numa fortaleza, revelou-me uma boa declaração de um deles, em recente reunião de chefões: "enquanto estiver dando água do 1.º ao 5.º, não vamos carregar o elefante na cabeça". Brilhante! Um circunstancioso concordou: "não podemos deixar a vaca ir pro brejo". De fato, faturando 100 quilos de alcatra sem osso, todos os dias, não interessa muito ir na conversa do seu Falcão... ainda se fosse água...! Ivo, o filho, herdou o império do pai, montado desde os tempos da calxinha ademariana. Mas formou-se data vênica e diz que está a fim de cultivar o Direito. Ah! Ah! Quer dizer: parabéns, dr. Ivo.

CUSPE GROSSO

A barra anda muito pesada no Rio. O bicheiro Ângelo Maria Longa, o Tio Patinhas, andou sumido (sequestro?) e apareceu com a boca torta e o olho inchado. No outro dia, cinco corpos apareceram boiando, cheios de chumbo, nas águas de um rio em Itaguaí. Coincidência, não? E os capas-pretas estão a fim de ferrar uns sherlocks, que segundo o traficante Cabeção e outras peças transavam fumo com eles, no morro do Faz Quem Quer. Pois é, vamos sacar esses boxixos e, por isso, minhas audiências aos interessados serão concedidas, este mês, das 2 às 4 da matina de sábado. Local: boteco Cuspe Grosso, na São José, GB, onde a barra é um tanto quanto pesada. Recados com meu considerado Cara Feia. Bye!

No intervalo das músicas, o rádio fala e a cidade pára em nome da lei.

RÁDIO

Gil Gomes e o show da morte

— Certo, certo. Quando é que o senhor vem fazer uma visita? Ah, 6.^a feira, perfeito. Churrascada? Aonde é mesmo? Guapixana, às 17 e 30, estarei lá sim, muito obrigado pelo convite obrigado mesmo. E olhe, a casa aqui é sua. Quer que eu ligue pro senhor? Qual o telefone? Certo, mando ele ligar ai. Obrigado, um abraço, até logo, tenente.

Gil Gomes desliga o telefone, enquanto na frente do prédio da rádio Nacional cresce a fila das pessoas que querem uma audiência. Às 7 da manhã eram duas mulheres e agora, uma hora depois, são 12 pessoas que observam a chegada de mais 3: uma mulher gorda, acompanhada de um homem moço e uma menina, passeia nervosamente diante da entrada do prédio, insiste com o porteiro. Por fim os 3 são conduzidos ao fim da fila, mas antes o moço ainda pergunta à mulher: "E se o enterro sair sem a gente?"

As pessoas da fila identificam o anúncio do Pertônico — uma fórmula de saúde para você e para toda a família — que sai do rádio do porteiro, e esquecem por um momento suas queixas. Vai começar o programa que é ouvido por 800 mil pessoas, sem contar os motoristas de táxi para quem Gil Gomes é hoje um ídolo maior do que São Cristovão.

Ao início de mais uma edição de notícias da Globo, Gil Gomes lhes diz (pausa) bom dia. (Sobem acordes de música estilo filme policial). Vendo que a arma estava emperrada, vendo que a arma estava encrocada, Alexandre, aquele velho de 69 anos de idade, dá um tapa no revólver e essa reação dele provoca uma reação de todos (mais volume para a música, agora ligeira). Vendo que seu revólver não havia disparado o bandido ainda tenta correr e vendo que seu revólver ainda não havia disparado o bandido ainda tenta fugir, ele grita por seus companheiros, mas seus companheiros já haviam fugido há muito tempo. Seus dois companheiros, logo

depois de retirar o dinheiro do caixa, desapareceram e ele não, ele ficou ali, ele tenta sair, mas a saída está bloqueada e enfurecida aquela pequena multidão, e enfurecidos aqueles 50 homens que se encontram no interior do bar. Eles começam a se aproximar do bandido e agora as coisas mudam (sobem acordes) e o bandido é aquele que começa a pedir para que não lhe batam, é muita gente contra ele, não lhe batam não, ele estava só... ele estava só brincando...

Gil Gomes, 34 anos, ex-congregado mariano da Paróquia São Judas Tadeu, pai de três filhos, ex-locutor de futebol, vestibulando aprovado na Escola Paulista de Medicina, foi encontrar no que chama de "jornalismo policial" a fama e a fortuna. Confessa um ordenado de 25 mil cruzeiros na rádio Nacional (que faz parte da Rede Globo) mas entre os repórteres policiais comenta-se que ele chega aos 150 por mês, entre o que recebe na rádio e nas conferências que dá em circos, escolas, favelas e teatros.

Passo a passo a multidão se

aproxima dele. (música mais ligeira). Passo a passo aqueles homens, todos eles enraivecidos, todos eles irados, todos eles revoltados, todos eles com um ódio violento daquele bandido se aproximam e o bandido pelo amor de Deus pede, chega a se ajoelhar (violinos). A arrogância que havia há minutos no rosto, que estava presente naquele bandido, é substituída agora pelo medo, pelo pavor, pelo pânico. Aquele sorriso maroto e maldoso que estava em seus lábios é agora substituído por uma atitude de lábios totalmente crispados que demonstram que aquele bandido está morrendo de medo, mais uma vez ele aperta o gatilho e mais uma vez a bala não sai. Aí então tudo rapidamente acontece. Aí então a multidão que caminhara passo a passo rapidamente, quando tentou disparar novamente, a multidão cai em cima dele, e aquele bandido é agredido a socos e pontapés, e aquele bandido é agredido violentamente durante meia hora. Durante 30 minutos todas aquelas 50 pessoas, todo aquele grupo agride o bandido que vai para solo sempre pedindo clemência

(sobem acordes de música mais acelerada). O bandido no solo, as pessoas espancando. Depois de baterem continuamente durante meia hora, o bar fica vazio (entra música aleatória). Uma a uma as pessoas se retiram. Um por um vai embora. No solo está o bandido. No chão está o bandido, há minutos atrás tão arrogante e agora estirado lá no solo se mexendo, mas gravemente ferido. A polícia chega ao local e socorre o bandido. Levado a um hospital, antes mesmo de se dar entrada, ele que no caminho só pedia socorro com uma voz muito débil, antes mesmo de entrar ele cai em estado de coma e logo depois morre (sobe música).

Nessas palestras Gil Gomes fala sempre sobre os dois temas que considera mais importantes — segurança e tóxicos —, além de tocar constantemente no seu maior sonho: uma Universidade de Polícia, para dar melhor preparo àqueles que "nascem para ser policiais". Nas horas vagas, ele lê História Francesa. "Por quê?, você me perguntaria. Pois bem, leio porque, porque sou fanático por História da França. Tenho alguns livros... ou melhor: livros é modo de dizer, tenho uns manuscritos sobre a Revolução Francesa, gosto muito de estudar Robespierre. Leio tudo o que me vem às mãos, livros técnicos, policiais, e Revolução Francesa."

O bandido que queria matar o dono do bar ou qualquer pessoa, para provar que falava sério, estava morto. As 50 pessoas (música quase sumindo) que antes se apavoraram diante da presença da arma, agora com a arma falhando se aproximaram e lincharam o bandido, que posteriormente foi identificado como sendo Edson Francisco de Souza. Edson, o homem que foi linchado no bairro de São Cristovão da rua Bela, no Café Natal, no Estado da Guanabara (sobe música). O bar 2.^a e 3.^a feira ficou vazio, ninguém mais foi até lá, porque há um inquérito a respeito, e uma tentativa de identificação



Lucrécio Jr.

PATRULHA

No ar, Beija Flor

das pessoas que ali se encontravam. O velho Alexandre virou uma espécie de herói ali no local, pois desprendidamente demonstrou uma amizade incrível a seu amigo, colocando a sua vida em troca. Mas no fim mesmo quem foi, foi o bandido.

ENTRA LOCUTOR: PERFEITO DIGESTIVO APRESENTOU ESSA SEGUNDA PARTE DO PROGRAMA GIL GOMES; DE UM PRESENTE A SEU FILHO A UMA IGREJA. ENTRA MÚSICA, QUE FICA DE FUNDO). E LEMBRE-SE, SE VOCÊ AGIR COM DIGNIDADE PODE NÃO CONSERTAR O MUNDO, MAS NA TERRA HAVERÁ UM CANALHA A MENOS.

Gil Gomes evitar dar muitos conselhos em seus programas, "porque isso ninguém quer ouvir e eu mando as mensagens nas entrelinhas." Mas longe dos microfones ele não pode negá-los. E hoje vai-se cansando dos problemas trazidos pela fama. "Gostaria de ser uma pessoa comum. Mas sou reconhecido, solicitado, uma pessoa especial. Não bebo uma gota de álcool, então sou chamado para participar de tudo quanto é liga anti-alcoólica. De vez em quando gostaria de tomar um copinho de cerveja, mas não posso. Tem sempre alguém olhando."

Alô, Beija-Flor chamando a Rádio Bandeirantes de São Paulo.

José Avilé, 47 anos, colunista funerário e repórter policial, prepara-se para passar mais um boletim. E mais uma vez, o trabalho para na sala de imprensa da Polícia Militar: enquanto ele grita, é impossível fazer qualquer coisa. Como se estivesse à beira de um ataque epilético, agarra o microfone, retesa o corpo pequeno e magro, e explode:

Bangue-Bangue na marginal do rio Pinheiros. Chevette roubado pelos malcheirosos que assaltaram o hotel Sampaio, placa EE 4349, foi interceptado perto da avenida Queiroz Filho. Quando os uruburus tentaram furar o cer-

co do policiamento, foram chumbadinhos. Saiu ferido gravemente Leonel Fernandes Garriel. Tá vai não vai no hospital das Clínicas. Tomara que dê coluna um, cucuia, beleleu. Que vá pro inferno. Seu comparsa brancóide ainda não foi identificado. Tá geladinho, esticadinho, durinho. Vai receber um terninho de pinho do serviço funerário. O corpo foi removido para o Instituto Médico Legal. Legal! legal! legal! Bem feito, quem mandou roubá.

Carro roubado. A placa C de conjuminado e G de gama — CG 0308. Interceptado quando os encardidos bandidos toparam a polícia. Aí, jacarandátrampeira que estava na direção do fusca, apavorado, entrou com o carango numa Kombi estacionada. Baita cacetada! Bandidos em cana. Ótima. Raimundo Eleutério Vieira saiu plantando banana — pilantra! — e José Gonçalves da Silva — bandido xexelento — foram registrados na escolinha de recuperação do coronel Fernão Guedes — Casa de Detenção. Vão receber aulas de educação e tomar café de canequinha. Alô, pavilhão 9, o das feras da Casa de

Detenção: vamos fazer os dois aprender tricô, e aquelas coisas tais...

Meus considerandos do Deic, majorandos, investigadores, turma treme-treme da Polícia Militar se preparando para dar combate aos trombadinhas do centro, Brás e Lapa. Serão peneirados. É o mutirão programado para hoje, para prender bandimirim. Polícia na boca de espera, bubucando pivetinhos que chegam do subúrbio da Central para infernizar o pessoal da cidade. Aproveitando o assunto, queremos lembrar que a ilha Anchieta tá dando aquela sopa — lugar de montão para acomodar menores delinquentes. É só.

ENTRA ANÚNCIO: VOCÊ SOFRE DE INSÔNIA? NÃO DORME BEM? ESTÁ AGITADO? VOCÊ PRECISA TOMAR NORMOCEDIL. NORMOCEDIL É CALMANTE FEITO DE PLANTAS MEDICINAIS. POR ISSO É BOM PARA ADULTOS E CRIANÇAS.

Da família dos "passaros informantes", criados pela rádio Bandeirantes — Tico-Tico, Pardal e Patativa são os ou-

tros — Beija-Flor faz isso há 25 anos. Durante esses anos, já pulou de alegria com a morte de muito bandido famoso. Mas, no momento, acha que o pior inimigo da cidade é o menor abandonado. E não faz muita distinção entre os delinquentes e os não, pois sabe que pobreza não é crime, mas ajuda a chegar lá. Para ele, o "bandimirim" está escondido atrás de qualquer um desses garotos que limpa para-brisas de automóveis.

Como vive buscando soluções para os problemas sociais, propõe que os menores abandonados sejam internados na ilha Anchieta, no litoral paulista. "É um lugar maravilhoso, para menores de ambos os sexos. Lá, eles podem plantar uva. Pode-se até montar uma fábrica de enlatados de peixe. E construir um hospital, porque 80% dos bandimirim são viciados em Tinner — fluído para isqueiro —, que dá um zoeira diferente".

Além de buscar novas dimensões, Beija-Flor também é paladino de causas antigas: sempre pede a pena de morte para bandidos perigosos. E se manifesta sempre contra o sistema carcerário de São Paulo. "Digo com sinceridade, é um luxo prá bandido. Cinco vezes por dia alimentação... Não é que o bandido não deva comer, absolutamente. Mas temos que endurecer. Então o bandido mata, assalta, e sai gordo como um suíno".

Beija-Flor também reivindica várias invenções. Uma delas: bater bolsinha. Diz que criou o termo porque não fica bem falar em meretriz, prostituta. Também garante que inventou o termo "trombadinha" — o menor que esbarra nas pessoas, na rua, e leva o que pode na embalagem. O repórter Afanásio Jazadi, da Jovem Pan, discorda: diz que foi ele. Enquanto os dois discutem a autoria, o secretário da Segurança Pública de São Paulo, Erasmo Dias, só tem medo de uma coisa: que os trombadinhas se unam e passem a atacar esta cidade de 8 milhões de habitantes.



Euclécio Jr.



Em 1729 Jonathan Swift, o autor de As Viagens de Gulliver, já tinha uma receita para o problema do menor abandonado.

MEU FILHO, MEU ALMOÇO

É melancólico, para aqueles que passeiam por esta grande cidade ou viajam pelo campo, ver as ruas, os caminhos e as portas dos casebres repletos de mendigos, seguidas de três ou quatro crianças esfarrapadas, importunando o viajante em busca de esmolas. Essas mães, em vez de trabalhar por seu honesto sustento, se vêem obrigadas a perder todo seu tempo na vagabundagem, mendigando para seus filhos desamparados, que logo que crescem tornam-se ladrões por falta de trabalho ou abandonam seu querido país natal para lutar como mercenários na Espanha ou serem vendidos na Ilha Barbada.

Acredito que todos os partidos estejam de acordo que este prodigioso número de crianças indica um **deplorável estado atual do Reino**; e, portanto, quem encontrasse um método razoável, econômico e simples para fazer destas crianças membros úteis do Estado mereceria agradecimentos públicos, além de ter a sua estátua como salvador da Nação.

Um americano muito entendido que conheço de Londres me assegurou que uma criança saudável e bem criada constitui, com um ano de idade o alimento mais delicioso, nutritivo e comercial, seja **assado, ao forno ou fervido**. Quanto a mim não duvido que será igualmente gostoso servido à fricasé ou em guisado.

Portanto, humildemente proponho à consideração do público que, das 120 mil crianças já relacionadas no Reino, 20 mil sejam reservadas para a reprodução; destas, somente uma quarta parte será de machos, o que já é mais do que permitimos às ovelhas, aos bois e aos porcos. Minha razão é que raramente estas crianças são frutos do matrimônio, coisa não muito apreciada pelos nossos rústicos; em consequência, um macho será o suficiente para servir a 4 fêmeas. De maneira que as 100 mil restantes podem, com um ano de idade, ser oferecidas às pessoas de qualidade e fortuna do Reino, aconselhando sempre às mães que as amamentem copiosamente durante o último mês, a fim de que fiquem bem gordi-

nhos e manteigosos para uma boa mesa. Uma criança dará duas travessas em um jantar com os amigos e, quando a família ceiar sózinha, será um prato bem razoável. Fervido e temperado com um pouco de pimenta e sal, será excelente refeição até o quarto dia, especialmente nos dias de inverno.

Calculei que, em média, um recém-nascido pesará 2 libras, e em um ano solar, se for toleravelmente criado, alcançará 28.

Concedo que este manjar será um pouco caro, e portanto mais adequado para latifundiários que, como já devoraram a maioria dos pais, parecem ter os melhores e mais seguros direitos sobre os filhos.

Calculei que o custo da criação de um filho de mendigos (entre os quais incluo também os operários e quatro quintos dos camponeses) em um ou dois shillings por ano, sendo aqui incluídos os farrapos. Acredito que nenhum cavalheiro se queixaria de pagar 10 shillings pelo corpo de um bom nenê gordo, do qual, como disse, extrairá quatro travessas de excelente carne nutritiva. Deste modo, o cavalheiro aprenderá a ser um bom latifundiário e se fará popular entre os arrendatários. E a mãe de cria terá oito shillings limpos, ficando ainda em condições de trabalhar até que produza outra criança. Aqueles que são mais econômicos (como, confesso, exigem os tempos) podem desossar o corpo, cuja pele artificialmente preparada servirá para admiráveis casacos para damas e botas de verão para os cavalheiros mais delicados.

Uma pessoa de grandes méritos, verdadeiro amante da Pátria, cujas virtudes muito aprecio, dedicou-se ultimamente a estudar o assunto, para aperfeiçoar o meu projeto. Ocorreu a este senhor que, já que muitos cavalheiros deste reino terminaram de destruir os seus cervos, a procura de carne de veado poderia ser satisfeita pelos corpos de jovens rapazes e mocinhas, não maiores de 14 anos nem menores de 12, já que são tantos os que estão a ponto de morrer de fome em todo o

país por falta de trabalho e de ajuda. Mas, com a devida consideração a tão excelente e meritório patriota, não posso estar de acordo com seus sentimentos; porque, no que se refere aos machos, meu conhecido americano me assegurou, com base em sua frequente experiência, que sua carne é geralmente amarga e magra, com sabor desagradável. Quanto às mulheres, acredito humildemente que seria um desgaste para os cofres públicos porque acredito humildemente que elas logo serão parideiras.

Algumas pessoas de espírito pessimista estão muito preocupadas pela grande quantidade de gente pobre que está velha, doente ou inválida, e me pediram que dedicasse meu talento para encontrar um meio de desembaraçar a nação de estorvo tão grave. Mas este assunto não me aflige porque é sabido que essa gente está morrendo e apodrecendo a cada dia, de frio e fome, de imundície e piolhos, tão rapidamente como razoavelmente pode-se esperar. Quanto aos jovens trabalhadores, estão em situação igualmente comprometedoras: não conseguem trabalho e desfalecem de fome a tal ponto que, se algumas vezes são tomados para um trabalho comum, não têm força para cumpri-lo. Deste modo, o país e eles próprios são felizmente livrados de males futuros.

Divaguei demais, de maneira que devo voltar ao meu tema. Me parece que as vantagens da proposição que enunciei são óbvias e muitas, sendo da maior importância:

1 — Os arrendatários pobres terão algo de valor que a lei poderá embargar-lhes e que os ajudará a pagar a sua renda ao latifundiário, tendo sido já confiscados os seus gados e cereais, e sendo o dinheiro coisa desconhecida entre eles.

2 — O Tesouro Nacional se verá ampliado em 50 mil libras por ano, sem contar a utilidade do novo prato introduzido na mesa de todos os cavalheiros de fortuna do Reino. Como a mercadoria será produzida e manufaturada por nós, o dinheiro não sairá do país.

3 — As reprodutoras per-

severantes, além de ganhar 8 shillings anuais pela venda de seus nenês, não terão a obrigação de mantê-los depois do primeiro ano.

4 — Este manjar atrairá uma grande clientela às tavernas, e os proprietários procurarão as melhores receitas para prepará-los.

5 — Isto constituirá um grande estímulo ao casamento, coisa que todas as nações sábias estimularam através de recompensas ou pela imposição de leis e castigos. Aumentaria o cuidado e ternura das mães para com seus filhos, seguras, então, de que as pobres crianças teriam uma colocação segura na vida, prevista de algum modo pelas instituições, e que lhes dariam lucros em vez de prejuízos. Logo veríamos uma honesta competição entre as mulheres casadas para mostrar qual delas leva ao mercado a criança mais gorda. Os homens atenderiam as suas esposas durante a gravidez, tanto como agora atendem as suas éguas, vacas ou porcas quando estão para parir, e não ameaçariam de bater nelas ou dar pontapés como frequentemente fazem.

Muitas outras vantagens poderiam ser enumeradas. Por exemplo, seriam acrescentados alguns milhares de quilos à nossa exportação de carne em barricas. Existe

neste Reino cerca de um milhão de criaturas de forma humana cujos gastos de subsistência reunidos lhes deixaria devendo dois milhões de libras esterlinas... Desejo que os políticos que, por ventura não apreciem o meu projeto e sejam atrevidos para tentar uma resposta, perguntem primeiro aos pais destes mortais se hoje não acreditam que teria sido uma grande felicidade para eles terem sido vendidos como alimento com um ano de idade, da maneira que recomendo; e deste modo teriam evitado uma vida de infortúnios que atravessaram, pela opressão dos donos da terra, a impossibilidade de pagar a renda, a falta de alimentação, de casa e roupa para proteger-se das inclemências do clima, e a mais inevitável probabilidade de legarem tais misérias, ou maiores, aos seus descendentes.

Declaro, com toda a sinceridade de meu coração que não tenho o menor interesse pessoal em promover tão necessária obra, e que só me leva a tal o bem de minha pátria, desenvolvendo nosso comércio, cuidando das crianças, aliviando os pobres e dando algum prazer aos ricos. Não tenho filhos, logo não penso em ganhar dinheiro com meu projeto.



leia e assine CRÍTICA

(...) CRÍTICA tem um compromisso com seu próprio nome (...) um compromisso com o pensamento. Com a inteligência.

(...) a palavra crítica vem do grego, do verbo "crino, crinein", que significa separar e, por extensão, pensar, opinar, julgar (...) separar o bem do mal, o belo do feio, o justo do injusto.

(...) um jornal a serviço da cultura e, pois, da política. (...) o exercício da política é, sobretudo, um direito da inteligência (...) sua tarefa e seu privilégio.

(...) não pertence a nenhum grupo econômico, a nenhum grupo ideológico, a nenhum grupo partidário. É feito por escritores e jornalistas profissionais, vindos talvez de posições políticas nem sempre homogêneas (...)

(...) um jornal de profissionais (...) todos exemplarmente aderidos aos deveres de sua geração com seu país e seu povo (...)

TRECHOS DO EDITORIAL DO Nº 1, ASSINADO POR SEU DIRETOR, GERARDO MELLO MOURÃO

SEM INDEPENDÊNCIA FINANCEIRA NÃO HÁ IMPREENSA LIVRE

a independência de CRÍTICA
depende de sua assinatura — de
muitas assinaturas. não
perca tempo, faça a sua agora.

PEDIDO DE ASSINATURA

Destaque este cupom e mande junto ao pagamento à ordem de

EDITORA CRÍTICA LTDA.

Av. Rio Branco, 156, sala 1222, Rio - GB, Brasil

DESEJO FAZER UMA ASSINATURA DE

1 ANO BRASIL (Cr\$ 100,00) EXTERIOR (Cr\$ 300,00)

6 MES BRASIL (Cr\$ 50,00) EXTERIOR (Cr\$ 150,00)

NOME

RUA

Nº

CIDADE

ESTADO

PAIS

CEP

JUNTO MEU PAGAMENTO POR

- CHEQUE VISADO PAGAVEL NO RIO
 VALE POSTAL

LIVROS PARA LER E OUVIR



Na LIVRARIA INFORMÁTICA
AS PALAVRAS NÃO FICAM QUISTAS
NAS ESTANTES. ELAS ESTÃO VIVAS
NA BOCA DAS PESSOAS QUE VÃO
ATÉ LÁ DEBATER; ANTRPOLOGIA,
TEORIA DA LITERATURA, COMUNICA-
ÇÃO, PROGRAMÁTICA. E NAS ESTAN-
TES, VOCÊ ENCONTRA, SEMPRE,
CORTAZAR, BORGES, ONETTI,
INFANTE, OCTÁVIO PAZ, JARGAS
LLOSA. A COORDENADA É DE
JOSÉ DE SOUZA PINTO JR..

LIVRARIA INFORMÁTICA LTDA. ASSESSORIA BIBLIOGRÁFICA.
R. CARDOSO DE ALMEIDA 216 - SALA 5 - FONE: 62-9308. - S.P.
FUNCIONA DAS 14 às 18 HORAS.



OBICHO que ia
pegar já pegou.

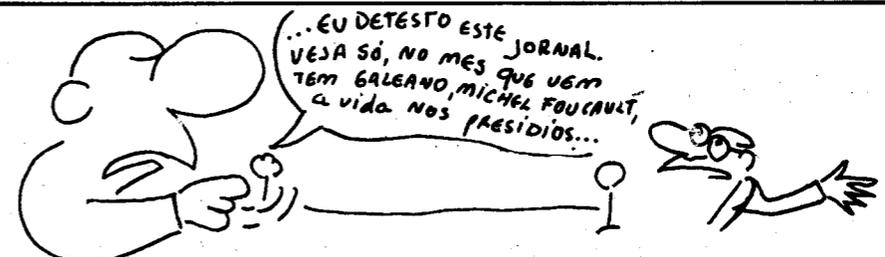
E você já pegou no
BICHO?

É Cr\$4,00
(ce vai pegar ou não
vai? heim?)

O BALÃO

vai mudar

AGUUUAAARDDEE



PARA ASSINAR O EX.

EX-EDITORA LTDA.

RUA STO. ANTONIO, 1043

NOME

ENDEREÇO

ANEXO CHEQUE VISADO OU DINHEIRO.

Cr\$30,00
6 edições

Cr\$60,00
12 edições

Cr\$40,00

PARA O EXTERIOR

Cr\$80,00

ENTREVISTA COM ERICH FROMM.

O homem não nasce assassino; nenhum instinto natural o leva a matar ou a destruir. Mas e as guerras, torturas e agressões, por quê?

Em seu último livro, "Anatomia da Agressividade Humana", você toma abertamente posição contra a teoria da escola etológica de Lorenz e da escola néo-comportamentalista de Skinner. Por quê?

— Lorenz e Skinner têm posições opostas sobre a questão da agressividade humana. Lorenz baseia a sua teoria sobre a observação dos animais, particularmente peixes e pássaros, e formula a sua hipótese sobre o comportamento humano essencialmente pela analogia. Ele afirma que a agressão tem um valor defensivo a serviço da sobrevivência do indivíduo como espécie, e segundo a sua palavra "a agressividade não é um mal mas é apenas considerada assim". Mas depois desta afirmação que considero exata, Lorenz coloca a agressão num quadro muito semelhante à visão freudiana da sexualidade: agressividade seria um impulso que flui continuamente no indivíduo, que cresce até mesmo na ausência de estímulos externos, que cria tensões até o ponto em que o homem tem necessidade de descarregá-la para sentir-se livre. É mais do que duvidoso que esta visão seja justa.

Por que esta dúvida?

Segundo a maioria dos neuro-fisiologistas, a agressão defensiva não está ligada ao esquema de Lorenz, mas é uma reação a uma ameaça, a alguma coisa que coloca em risco os interesses vitais do homem e dos animais (por exemplo a vida, o território, a liberdade). Na medida em que é instintiva, logo identificada no cérebro, a agressão humana ou animal é defensiva, sendo mobilizada só em caso de perigo vital e desaparecendo no momento em que cessa o perigo. Mas há outra cri-

tica mais importante a Lorenz. Ele presume o fato por analogia, que toda a forma de agressividade humana é construída segundo este modelo. Guerras, rixas, lutas todos os fenômenos em que seja infligido um mal a outra pessoa são explicados como resultado de uma agressão biologicamente justificada. Com o mesmo termo "agressão". São definidos seja um ato de violência cumprido para defender-se de uma ameaça à própria vida, seja o ato sádico e destrutivo. Tudo passa a ter a mesma qualidade.

Por que é importante esta distinção?

Se a agressão é inata, e se o assassinato e cada ato de tortura é uma agressão, então estamos concluindo que há uma propensão inata no homem para matar e torturar. Este truque lógico é possível porque Lorenz e os seus seguidores aplicam a palavra agressão para coisas muito diversas entre si e não se preocupam em indagar a respeito do prazer de matar e torturar. Lorenz não entende a verdade expressa por um dos seus mais importantes colegas no campo da etologia, N. Tinbergen: "A espécie humana é a única capaz de assassinatos em massa". Em outras palavras: nenhum outro animal além do homem conhece a vontade de matar por prazer, sem razões biológicas. Eu defini este tipo de agressão especificamente humana como "agressão maligna".

E qual é a posição de Skinner e da escola néo-comportamentalista a respeito da agressão?

Skinner não se preocupa com aquilo que acontece dentro do homem, com as suas motivações. Ele examina apenas os resultados, o comportamento manifesto, porque

NO FUNDO O HOMEM É BOA GENTE



considera que só isto é mensurável e logo passível de ser conhecido cientificamente. Segundo Skinner, todas as formas de comportamento humano, inclusive o desejo de liberdade e de dignidade, não são senão o resultado de um condicionamento adequado, obtido através de um sistema de prêmios e punições. Isto vale também para a agressão: para Skinner, é indiferente que uma pessoa mate por necessidade de autodefesa ou pelo puro prazer de matar.

Qual é a sua crítica a esta posição?

A teoria de Skinner é a que melhor se adapta às condições da moderna sociedade industrial. Esta afirma que com a recompensa adequada se pode condicionar completamente uma pessoa; fazer com que ela faça até aquilo que não quer fazer. Mas a teoria de Skinner não consegue explicar como, apesar do sistema de condicionamento e de punições (aplicados por toda a história humana), as pessoas tenham continuado a rebelar-se.

Por que esta teoria teve tanto sucesso?

A teoria de Skinner é talvez tão atraente porque corresponde à prática diária do sistema industrial e porque parece justa àqueles que entendem que este sistema "natural" corresponde à "natureza do homem". Assim se combina um elemento típico da sociedade fascista e totalitária em geral, ou seja a manipulação da consciência como um elemento que era progressista há 50 anos atrás, à idéia de que as circunstâncias podem mudar o homem: "em uma sociedade boa também o homem se tornaria bom".

Você falou de "agressões malignas".

Quais são as suas origens?

O homem é muito menos determinado pelos seus instintos do que qualquer animal; menos até do que o seu parente mais próximo, o chimpanzé. Por esta falta de um plano pré-fixado de vida que os animais possuem, o homem não seria "por natureza" capaz de tomar qualquer decisão necessária à sua sobrevivência. O homem foi o único animal que desenvolveu um substituto dos seus instintos, uma segunda natureza que chamamos Caráter. O caráter é a estrutura relativamente permanente das paixões humanas, como o amor, a avareza, o desejo de sucesso e outras. A forma particular de caráter de um indivíduo ou de um grupo depende do impacto de seu modo de produzir, consumir, da sua diferença e classe, sobre certos elementos da própria existência do homem, da condição humana.

Mas quais são as condições da existência do homem que podem levá-lo a matar ou a torturar por prazer?

O homem, pela sua natureza, não é um assassino, não tem nenhum instinto natural que o leve a matar ou a destruir. Provas empíricas demonstram que, se o homem vive em condições de bem-estar (que geram estímulos de segurança material, de independência num clima social de amor, de solidariedade, fundado sob um pensamento crítico) ele será pouco agressivo. Ao contrário, quanto mais ele se sente impotente, enojado, frustrado, quanto mais é oprimido, explorado, roubado, mais ele tenderá a sentir prazer na destruição. Trata-se de uma espécie de vingança contra a sua vida "não vivida". Assim ele se tornará sádico, o que significa a paixão de exercitar um poder incontrollável sobre os seres mais fracos e compensar assim a própria impotência através da experiência de ser uma figura divina onipotente, de ter o domínio ab-

soluto sobre outro ser, seja ele um cão, uma criança ou uma mulher.

Que importância têm os valores éticos na psicologia?

São importantes em dois sentidos. Em primeiro lugar porque não se pode conhecer uma pessoa sem saber quais os objetivos e quais as normas efetivas, conscientes ou inconscientes, que inspiram a sua vida. Em segundo lugar porque estas normas e estes objetivos podem ser úteis ou destrutivos à sociedade. Em consequência, a psicologia deve ser sempre crítica: não devemos apenas descrever o homem tal qual ele é; não devemos apenas descrevê-lo comparado aos outros homens, mas devemos entender criticamente em que medida as circunstâncias individual e social encorajam ou prejudicam o desenvolvimento do homem como ser que tem seus objetivos enraizados na própria natureza da sua existência.

Jean-Paul Sartre, depois de ter visitado Andreas Bader, que estava abalado por uma greve de fome na prisão alemã, disse que apesar de não apoiar politicamente a ideologia do grupo anarquista alemão, defende a sua ação enquanto esta tem como objetivo renovar a sociedade em que vivemos.

Qual é a sua opinião?

Eu tenho a respeito do grupo Bader-Meinhof uma opinião inteiramente diferente da de Sartre. Ter boas intenções não bastam: a ação política deve ser enquadrada no contexto da realidade política e social. Os grupos anarquistas usam meios que não produzem qualquer progresso político e mobilizam na prática a violência do Estado. Trata-se de mero "putchismo", uma forma de luta que nada tem a ver com os verdadeiros ensinamentos científicos, porque estão distantes do povo. O anarquista não é um criminoso, mas um indivíduo politicamente prejudicial.

Recentemente o aborto foi legalizado em diversos países como a França e a Áustria.

Na Itália, ao contrário, os movimentos que defendem o mesmo objetivo encontram a oposição intransigente da Igreja.

Você considera o aborto uma forma de agressividade contra a vida, como afirma a Igreja, ou um instrumento de libertação da mulher?

A igreja só poderá ter uma base para refutar o aborto no dia em que se opor a qualquer forma de destruição da vida humana, a qualquer guerra, à pena de morte. Mas definir a interrupção da gravidez na sua fase inicial como uma destruição da vida significa definir a vida em termos puramente biológicos e não humanos. Significa ignorar que o sofrimento provocado pela superpopulação, e também em alguns casos individuais, é em si uma grave agressão à vida. Não se trata apenas de independência da mulher, mas da liberdade de todo ser humano e determinar a sua vida segundo valores que transcendem as condições puramente materiais da existência.

Alguns movimentos feministas defendem a luta aberta, violenta contra o homem.

Qual é a sua opinião?

Não se pode entender a psicologia feminina e masculina, não se compreende os elementos de sadismo, hostilidade e agressividade no homem e na mulher, não se tendo presente que há uma guerra entre os sexos que já dura 6.000 anos. Hoje em dia essa guerra se tornou uma guerra de guerrilhas. As mulheres foram derrotadas pelo patriarcalismo há 6.000 anos, e desde então a sociedade

foi construída sobre a dominação do homem. Mas não existe nenhuma dominação de uma parte da humanidade sem que a outra parte se rebelde. O que se vê, então, são a fúria, o ódio e desejo de vingança naqueles que são oprimidos e explorados, e insegurança nos que exploram e oprimem.

A feminilidade é entendida tradicionalmente como ingenuidade e disponibilidade sorridente. Que fundamentos psicológicos tem esta definição?

As mulheres foram definidas como ingênuas, privadas de realismo e malícia. Freud as considerava mais narcisistas do que o homem, inferiores a ele anatomicamente. A verdade é que as mulheres são menos narcisistas do que o homem, pelo simples fato de que o homem não faz outra coisa senão querer aparecer. A mulher faz muitas coisas sem esta motivação, e na realidade aquilo que se define como "valdade feminina" não é mais do que a necessidade de agradar ao vencedor. Quanto à falta de realismo na mulher, o que dizer então do realismo dos machos em uma época em que todos os governos formados por homens dispõem a maior parte de sua energia fabricando bombas atômicas, antes de se preocupar com a carestia, catástrofe que ameaça todo o mundo? Quanto à covardia da mulher, todos os profissionais que fazem exame de sangue sabem muito bem que é muito maior o número de homens que desmaiam de medo... e no caso de doenças os homens fazem mais confusão em casa... Todos estes slogans masculinos são falsos, propagados para enfraquecer o inimigo. As mulheres aceitam tudo isto como um grupo derrotado há muito tempo... chegaram a acreditar nestas coisas, e agir assim, porque esta era a única maneira de ser "feminina". A única maneira de serem aceitas na sociedade era baixar a cabeça!

E o homem? Qual é a sua reação diante da guerrilha das mulheres?

É claro que esta batalha produzirá necessariamente ódio e sadismo dos dois lados. Explorados e exploradores estão no mesmo barco, como o prisioneiro e o guarda; um ameaça o outro, um ódeia o outro, porque os dois temem um ataque do adversário. Os homens temem a mulher, ainda que finjam o contrário.

Qual é na sua opinião a natureza política do movimento feminista e a sua perspectiva?

Eu acho que os atuais movimentos feministas representam uma das revoluções mais brandas e mais reformistas que já existiram. Fundamentalmente o seu objetivo parece ser o de colher para a mulher uma parte do papel de classe dominante, que é do homem. Os atuais movimentos feministas não revelam um objetivo claramente revolucionário pelo qual as mulheres se emancipam radicalmente. No seu mundo continua a ordem patriarcal, com a diferença de que as mulheres controlarão uma parte do poder, que agora é monopólio do homem. Assim continuarão os dois alienados e sem amor.

Professor From, o que o senhor pensa de Freud?

Eu acho que Freud não foi um pensador revolucionário como sustentaram Horkheimer e Marcuse — meus companheiros da Escola de Frankfurt, de 1928 a 1933. A parte meu respeito e minha admiração por Freud como autor de algumas das mais importantes descobertas para a compreensão do homem, comecei a colocar em discussão a teoria freudiana no

fim dos anos 30, sobretudo no que se refere à sua aplicação aos fenômenos sociais. Freud estava profundamente enraizado ao pensamento burguês; ele acreditava que mesmo não tornando o homem feliz, a sociedade burguesa era a melhor forma de sociedade, aquela que melhor correspondia às exigências da alma humana. Criticava a sociedade pelos seus rígidos tabus sexuais que produzem mais neuróticos do que o necessário, mas esta não era uma crítica dirigida à sociedade burguesa e sim a civilização em geral. Freud colocou a questão sob uma forma trágica: de um lado está a civilização, que implica na repressão da sexualidade e nas neuroses; do outro, a felicidade total que, para ele, significava o prazer sexual sem limites. Freud escolheu a civilização.

Freud não levou então a uma revolução no campo da sexualidade?

Pessoalmente Freud era um homem muito prudente do ponto de vista sexual e muito conservador na sua opinião sobre o sexo. E também teoricamente não pode ser definido como o representante de um princípio edonístico do prazer, sob alguns aspectos. Como representante de um pensamento epicurista: o maior prazer do homem — para ele — consiste em não ter um desgosto, um desparzer. Eu considero inteiramente equivocada a idéia de que Freud tenha estado na origem dos movimentos de libertação sexual do último decênio. Na base desses movimentos esteve sempre, ao contrário, a tendência em geral para o consumismo, porque não se pode aumentar o consumo sem dar caminho livre também ao consumo de sexo. As idéias de Freud serviram justamente para sustentar esta tendência consumista.

Mas qual era a posição de Horkheimer e de Marcuse?

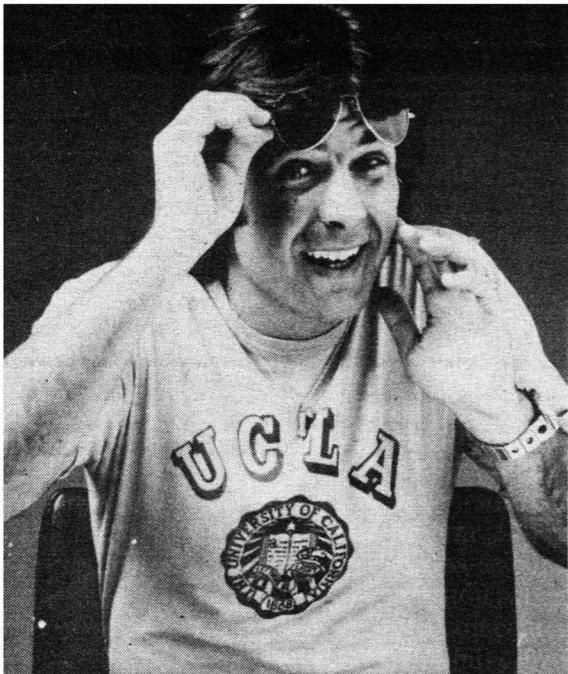
Em que sentido consideravam Freud um revolucionário?

Para eles Freud era um revolucionário porque era um materialista. E por que era materialista? Porque afirmava que aquilo de que o homem mais necessitava era da satisfação sexual, de uma satisfação material. Ora, é muito estranho que homens de provada cultura e penetração filosófica como Horkheimer e Marcuse tenham aceitado como critério de visão revolucionária aquilo que é precisamente a essência do pensamento burguês: a idéia de que o consumo e a satisfação material são o objetivo da vida.

Marcuse afirmou que ele, atribuindo importância à ética, abandonou o movimento revolucionário para apoiar o capitalismo.

Qual é a sua opinião?

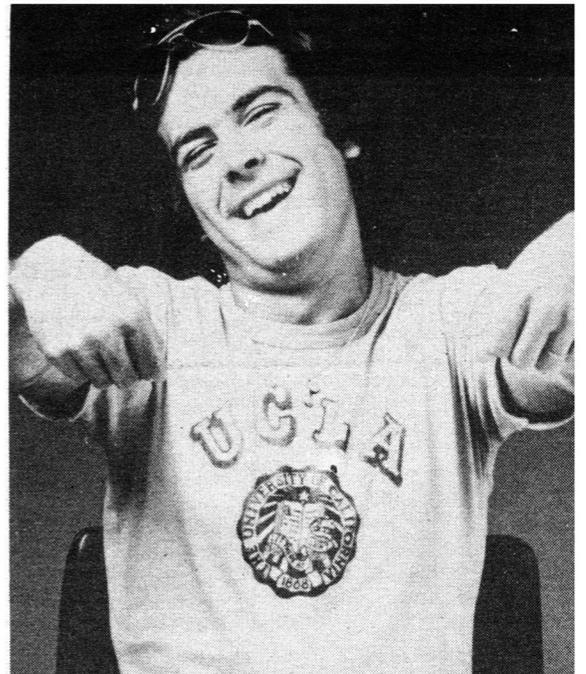
Pura demagogia. A posição de Marcuse e de Horkheimer se encaixa para os princípios edonísticos expressos pelo iluminismo francês, segundo os quais a liberdade do homem consiste na satisfação de todos os desejos, sobretudo os desejos sexuais. Marcuse sustentou que até mesmo as perversões sexuais como a coprofilia e o sadismo devem ser praticados como expressão da total liberdade e felicidade humana. Mas este não é o homem novo. É o burguês revoltado à Max Stirner. É a filosofia do materialismo burguês, que preparou a vitória do consumismo total. É a essência do egoísmo burguês, a ânsia de possuir, de ter. É exatamente o contrário do materialismo científico de Carlos: eles não ensinam que o homem pela sua natureza ambiciona a posse material, mas que são as condições materiais da produção que formam as paixões humanas — como o egoísmo e o amor



“Stra... o que? Stravinsky? Não, nunca li.”



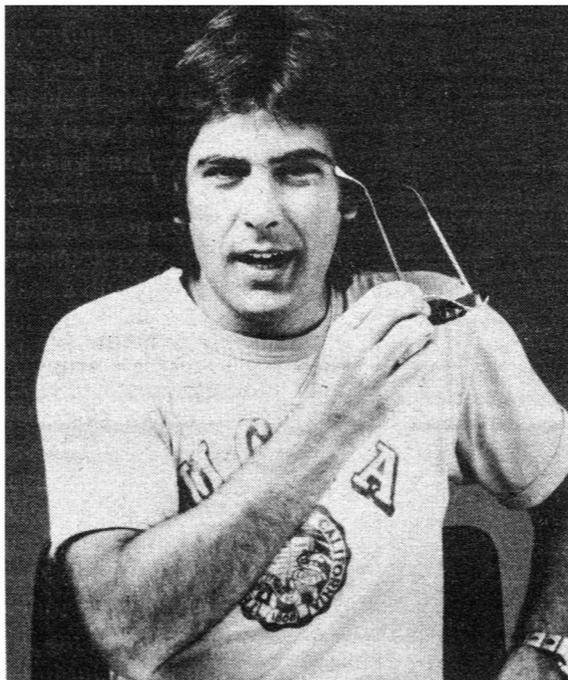
“Filme eu só gosto dos que têm mensagem. Love Story, por exemplo.”



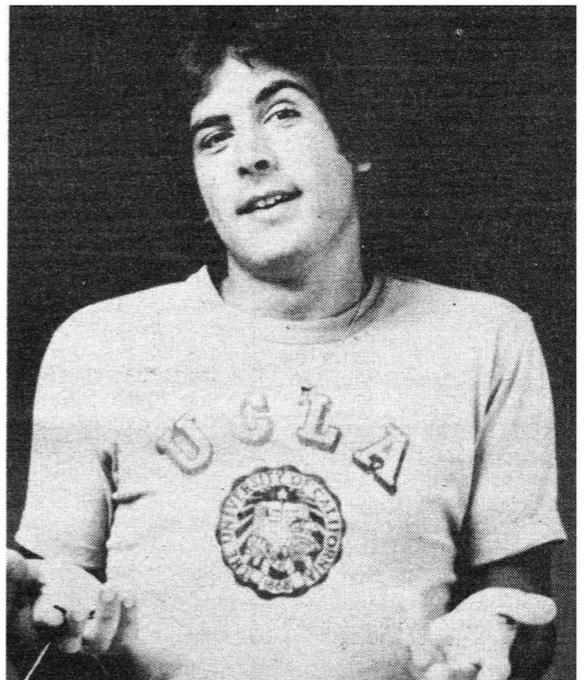
“Ah, cuido do corpo, sim! Pratico motociclismo todo dia, na Augusta.”



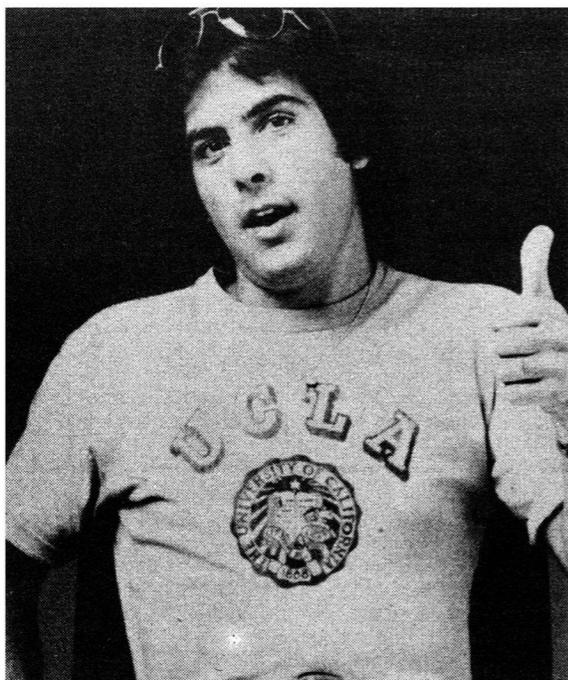
“Meu livro de cabeceira é o... o... Como é que chama mesmo, gente?”



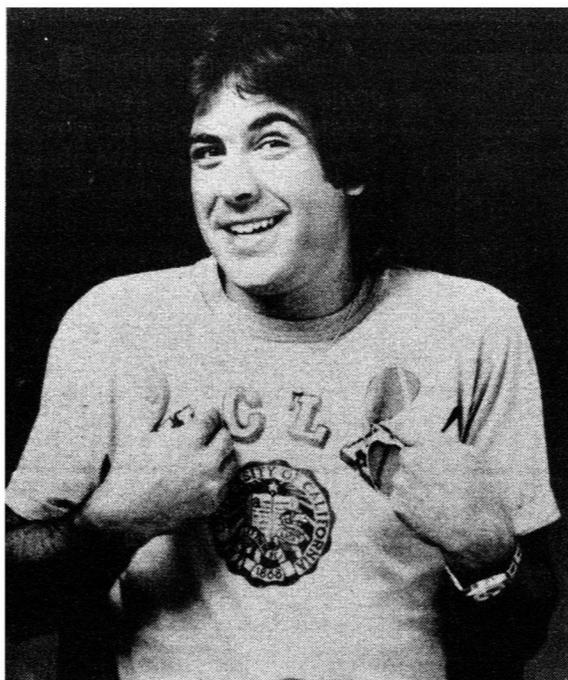
“Massificação? Olha, sobre isso eu não sei porque nunca fui amarrado em cozinha italiana.”



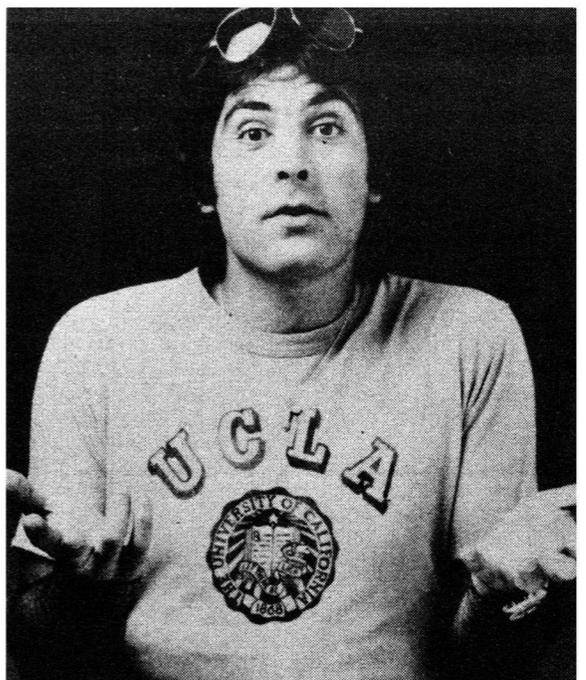
“Sou totalmente a favor da libertação da mulher dos outros.”



“Não, nunca fiz teste de QI. Mas no de Cooper fui muito bem.”



“Levi Strauss? Calça por calça, prefiro a Lee.”



“Melhorar o nível de ensino? Ué, mas você vê defeito?”

Quem faz Universidade sempre tem o que dizer.

Marcos deixou de ser apenas mais um rosto na multidão. Agora ele é universitário.



Valeu a pena eu gastar os doze mil cruzeiros em dois anos de cursinho. A alegria que o Marcos nos deu não tem preço. Imagine um doutor na família.

Conseguir classificação no meio de quase quinze mil candidatos não é sopa, não. Aliás, eu sempre achei o Marcos meio gênio. Sabe, quando se tem jeito pra coisa, vocação, acaba-se conseguindo mesmo. E estou sabendo que agora é que vai começar a dureza.

Um mil cruzeiros por mês de mensalidade, mais livros estrangeiros, apostilas, medidor de pressão, maleitinha e todos aqueles aparelhos de médico. Vai uma fortuna nisso tudo. Mas o que é que se vai fazer? A moderna pedagogia inglesa diz que tudo o que você fizer por um filho ainda não é o bastante. Concordo! É isso mesmo.

Agora, por exemplo, eu vou comprar o Fuscão que eu prometi para o Marcos. Promessa é dívida. E depois, um futuro médico não pode ficar pegando esses ônibus cheios de gente. É até perigoso. O Fuscão está custando quase vinte e seis mil cruzeiros. Mais as rodas de magnésio, direção, buzina e o toca-fitas que o Marcos pediu, deve chegar a uns trinta, trinta e dois mil. Dinheiro é pra essas coisas. Se é pra dar um futuro melhor para o Marcos eu não me importo em gastar. E quando for para montar o consultório, eu também vou querer tudo do bom e do melhor. O Brasil está precisando de bons médicos. □



Nem acredito que essa maratona tenha chegado ao fim. Mas tudo bem agora. Amanhã chega o carango e eu vou queimar gasolina. Eu mereço, pô!

Agora eu sou universitário. Estou por cima, nem vejo a hora de começar as aulas para eu desfilhar com o blusão da faculdade. Usar sapato branco. Hoje mesmo vou ver se o pessoal do Centro Acadêmico me vende um decalque para eu pôr no pára-brisa do carro. Se não, alguém pode pensar que eu estou careca porque entrei numa faculdade qualquer. Eles precisam saber que eu vou ser médico. Que vou ganhar muito dinheiro. Porque eu vou me especializar numa coisa que dá muita grana. Coração, cirurgia plástica ou câncer. Vou ter um consultório de fechar o comércio. Com uma recepcionista boa que nem uma coelhinha do Playboy. O negócio é progredir, subir. Não importa como. Eu escutei uns veteranos falando que Pronto-Socorro dá uma grana legal. Vou pensar nisso também. Quando eu era pequeno e disse que queria ser médico, meus pais sempre me animaram, me incentivaram. Por isso, essa vitória é deles também. E eu sei que eles estão contentes. Eu quero ver quando eu tiver o consultório montado com uma placa com o meu nome bem na entrada. Vou fazer questão que todo mundo me trate por Doutor Marcos. □



Eu fiquei mais de uma semana sem dormir direito por causa dos vestibulares do Marcos. Mas agora o pesadelo acabou. Finalmente nós vamos ter alguém importante dentro de casa. Só Deus sabe quanto eu rezei para que tudo corresse bem.

E Deus foi grande. O meu Marcos vai ser doutor. Pelo menos essa desilusão eu não vou levar para o túmulo. Minha filha, por outro lado, só me deu tristeza. Cismou em fazer Ciências Sociais, que não dá futuro nenhum. As minhas amigas perguntam o que faz uma cientista social e eu não sei nem responder. Ela podia ser professora, médica, advogada. Mas não, precisou pôr essas idéias estranhas na cabeça...

Acha que o chic é ser intelectual. Imagine que nem namorado firme ela tem. Ainda bem que eu tenho o Marcos que só me dá alegrias. E eu tenho certeza de que ele vai seguir os meus conselhos e se especializar em cirurgia plástica. Me disseram que se ganham rios de dinheiro. E depois vira gente importante. Aparece na Manchete, Cruzeiro e nas colunas sociais, como o Dr. Ivo Pitanguy, o Dr. David Serson. Esse gosto eu ainda vou ter antes de morrer: ver o Marcos rico, famoso e bem casado. □



Eu fui ver quando cortaram o cabelo do Marcos. Foi uma farrá. Eles passam tinta, rabiscam bem e depois raspam o coco. Teve uns caras que espernearam. Mas não adiantou nada. Com o Marcos eles não fizeram muita coisa porque em casa papai disse

para aceitar tudo sem reclamar. Mas o ano que vem o Marcos desforra. Faz os caras comerem grama. Minha irmã é contra isso tudo. Mas ela é meio estranha da cabeça. Ela quer que eu estude alguma coisa que sirva para ajudar as pessoas. Mas, ó! Eu quero ser engenheiro. Eu quero é encher os bolsos. Os outros que se virem. □



Meu irmão agora passa a fazer parte dos 0,3% da população brasileira que pode estudar numa universidade. Ele agora pertence à elite. Mais ou menos 300.000 pessoas num país de mais de 100.000.000 de habitantes. Só quem tem condições de pagar um cursinho consegue passar pelo funil que são os vestibulares. Nós temos debatido esse problema em grupos de estudo lá na faculdade. E as conclusões são sempre as mesmas: o sistema está estruturado de uma maneira que só a burguesia tem acesso. Antes era a burguesia rural, agora é a burguesia mercantil, totalmente alienada

pela febre de consumo. Aliás, Durkheim aborda muito bem essa questão. Eu diria que até melhor do que Max Weber. Mas como eu não estudei a fundo a teoria de Weber eu não quero falar sem conhecimento de causa. □

Faça também sua família sorrir. Entre numa faculdade.

DOJJA FAMOSO

DECRETO-LEI N. 477 — DE 26 DE FEVEREIRO DE 1969

O Presidente da República, usando das atribuições que lhe confere o parágrafo 1º do artigo 2º do Ato Institucional n. 5 (*), de 13 de dezembro de 1968, decreta:

Art. 1º Comete infração disciplinar o professor, aluno, funcionário ou empregado de estabelecimento de ensino público ou particular que:

I — alicie ou incite à deflagração de movimento que tenha por finalidade a paralisação de atividade escolar ou participe nesse movimento:

II — atente contra pessoas ou bens tanto em prédio ou instalações, de qualquer natureza, dentro dos estabelecimentos de ensino, como fora dele:

III — pratique atos destinados à organização de movimentos subversivos, passeatas, desfiles ou comícios não autorizados, ou dêe participe:

IV — conduza ou realize, confeccione, imprima, tenha em depósito, distribua material subversivo de qualquer natureza:

V — seqüestre ou mantenha em cárcere privado diretor, membro de corpo docente, funcionário ou empregado de estabelecimento de ensino, agente de autoridade ou aluno:

VI — use dependência ou recinto escolar para fins de subversão ou para praticar ato contrário à moral ou à ordem pública.

§ 1º As infrações definidas neste artigo serão punidas:

I — se se tratar de membro do corpo docente, funcionário ou empregado de estabelecimento de ensino com pena de demissão ou dispensa, e a proibição de ser nomeado, admitido ou contratado por qualquer outro da mesma natureza, pelo prazo de cinco (5) anos:

II — se se tratar de aluno, com a pena de desligamento, e a proibição de se matricular em qualquer outro estabelecimento de ensino pelo prazo de três (3) anos.

§ 2º Se o infrator for beneficiário de bolsa de estudo ou perceber qualquer ajuda do Poder Público, perdê-la-á, e não poderá gozar de nenhum desses benefícios pelo prazo de cinco (5) anos.

§ 3º Se se tratar de bolsista estrangeiro será solicitada a sua imediata retirada do território nacional.

Art. 2º A apuração das infrações a que se refere este Decreto-lei far-se-á mediante processo sumário a ser concluído no prazo improrrogável de vinte dias.

Parágrafo único. Havendo suspeita de prática de crime, o dirigente do estabelecimento de ensino providenciará, desde logo a instauração de inquérito Policial.

Art. 3º O processo sumário será realizado por um funcionário ou empregado do estabelecimento de ensino, designado por seu dirigente, que procederá às diligências convenientes e citará o infrator para, no prazo de quarenta e oito horas, apresentar defesa. Se houver mais de um infrator o prazo será comum e de noventa e seis horas.

§ 1º O indiciado será suspenso até o julgamento, de seu cargo, função ou emprego, ou, se for estudante proibido de freqüentar as aulas, se o requerer o encarregado do processo.

§ 2º Se o infrator residir em local ignorado, ocultar-se para não receber a citação, ou citado, não se defender, ser-lhe-á designado defensor para apresentar a defesa.

§ 3º Apresentada a defesa, o encarregado do processo elaborará relatório dentro de quarenta e oito horas, especificando a infração cometida, o autor e as razões de seu convencimento.

§ 4º Recebido o processo, o dirigente do estabelecimento proferirá decisão fundamentada, dentro de quarenta e oito horas sob pena do crime definido no artigo 319 do Código Penal, além da sanção cominada no Item I do § 1º do artigo 1º deste Decreto-Lei.

§ 5º Quando a infração estiver capitulada na Lei Penal, será remetida cópia dos autos à autoridade competente.

Art. 4º Comprovada a existência de dano patrimonial no estabelecimento de ensino, o infrator ficará obrigado a ressarcí-lo, independentemente das sanções disciplinares e criminais que, no caso, couberem.

Art. 5º O Ministro de Estado da Educação e Cultura expedirá, dentro de trinta dias, contados da data de sua publicação, instruções para a execução deste Decreto-Lei.

Art. 6º Este Decreto-Lei entrará em vigor na data de sua publicação, revogadas as disposições em contrário.

A. Costa e Silva
Presidente da
República.

477

Define infrações disciplinares praticadas por professores, alunos, funcionários ou empregados de estabelecimentos de ensino público ou particulares, e dá outras providências.

O bicho continua

Vi o bicho correndo frouxo solto até na casa de loucos. E pagava.

Tomávamos bolinha o dia todo. Para dormir, para acordar, para comer e para dormir de novo. Os mais vivos fingiam, o comprimido ficava debaixo da língua e escondíamos. Nas manhãs, eu arrancava a camiseta e ficava lendo, debaixo do sol, alguma brundanga de Lima Barreto. Cansasse, ia à terapêutica ocupacional, jogava baralho ou sinuca. Era hora ainda da fézinha no jogo do bicho.

Um dia, um cara, dos insones rebeldes da Coréia, o pavilhão mais pirado do sanatório, mulato sarará chegado de Campos, acertou a centena do cachorro, trezentos e cinquenta cruzeiros. O banqueiro daquele pedaço, Cabrita, estendia seu bicho por toda a faixa da Muda da Tijuca e mandou pagar na forma de costume.

Assim, o bicho cumpre uma regra ética: é o jogo mais honesto, o que paga sempre. Paga até aos loucos em sanatório, conforme vi, com estes olhos, em maio e junho de 1970.

Hoje, o carioca continua desacreditando que o jogo do bicho vá morrer. A zooteca, para ele, é uma espécie gomalizada de fazer a coisa pular para a área oficial. Não desfazendo de ninguém, o povo-povo do Rio de Janeiro vê a zooteca com o sentimento com que recebeu a primeira cuica, o primeiro tamborim ou o primeiro pandeiro de plástico ou acrílico.

Bicho permitido, proibido, legalizado? De uma forma ou de outra, ficava muito claro para Graciliano Ramos, que prestou depoimento e fez registro:

"De todas as instituições brasileiras, o jogo do bicho é, com certeza, a mais interessante, a que melhor descobre a alma popular. É verdade que possuímos outras capazes de provocar entusiasmos vivos e até a paixão das massas: o carnaval, o futebol, as lutas políticas, por exemplo; mas são coisas que, embora tenham feição particular, existem em toda parte. Nenhuma delas produz uma excitação permanente, todas se manifestam com intermitência mais ou menos longas".

Quanto mais proibido, mais jogado.

O velho Graça via no bicho um dos raros aspectos nacionais da vida brasileira. E é absurdo o distanciamento que a nossa literatura, teatro, pintura, e até cinema mantêm diante do jogo. Quando se tentou fixar o bicho em termos de recreação artística, sempre se procedeu com um ingênuo de fora para dentro, demonstrando claramente que os autores — mais uma vez — estavam fazendo a coisa sem ter nunca ido lá. Exemplo: dia desses, ele me desculpe, li que Nelson Pereira dos Santos ("Vidas Secas" é admirável) precisou fazer 20 anos de cinema para entender que só é possível olhar as cousas brasileiras através da ótica do povo. E não da classe média ou dos intelectuais. O falecido Sérgio Porto diria que foram necessários muitos anos.

Difícil entender, sentir, respeitar, reconhecer Rio de Janeiro, sem jogo do bicho. Que estabeleceu, entre outros milagres, a mais rápida e eficiente forma de comunicação direta urbana de que já se tem notícias. É um esquema natural que desafia todos os quiquiriquis dos senhores sabidos em informática, comunicações, tecnologias e outros leros agora em moda luso-afro-tupiniquim. Quando sai o resultado do bicho, na hora pouca neutra das tardes cariocas, corre o milagre da multiplicação da notícia. Todos, a um tempo, sabem do resultado. Em Jacarepagua, no Leblon, em Santa Teresinha, em Bangu,

em São Cristóvão, em Parada de Lucas, no centro da cidade, todos sabem que bicho deu. É duro engolir o fato de que os doutores em informática nunca se tenham lembrado de averiguar as causas da rapidez da divulgação dos resultados do jogo do bicho.

Mas, felizmente, o bicho não está interessado em falsos doutores.

O bicho é das lavadeiras, das empregadinhas domésticas, dos zé-manês, dos guardadores de carro, dos empregados miúdos, migrantes da construção civil, dos garis, dos favelados em geral, dos pingentes urbanos e dos merdunchos que se penduram e se agarram à cidade do Rio de Janeiro. Ele acende a esperança diária que favorece, ou não, aos mais pobres e, por isso mesmo, indisciplinados e desorganizados: joga quem tem 20, joga quem tem 2 cruzeiros. Graciliano também falou que o bicho, enquanto fator econômico, "é constante e puramente nacional. Aqui surgiu, criou raízes, e em nenhum outro país se daria tão bem. Deriva de nossa organização econômica e da confiança que depositamos em forças misteriosas. Todos nós, conscientes ou inconscientemente, esperamos milagres, acreditamos na Divina Providência, em poderes sobrenaturais que às vezes ficam no alto, inatingíveis e obscuros, outras vezes se põem em contacto com os homens, familiarizam-se, revelando-se de maneira bastante ordinária".

O bicho continua correndo paralelo à loteria esportiva, o bicho continua. Com a zooteca à vista, o bicho continua. Este é o Rio — São Jorge, crioulo, miserê crônico, morena colorida de praia que a terra um dia vai comer, 75% da população vivendo na Zona Norte (o Rio esquecido, o pobre, o de Lima Barreto), 40 graus no asfalto e bicho. Três extrações diárias, inclusive aos domingos.

O bicho acaba? Dúvida de intelectuais.

Já para o romancista Antonio Tórres ("Um Cão Uivando para a Lua" e "Os Homens dos Pés Re-

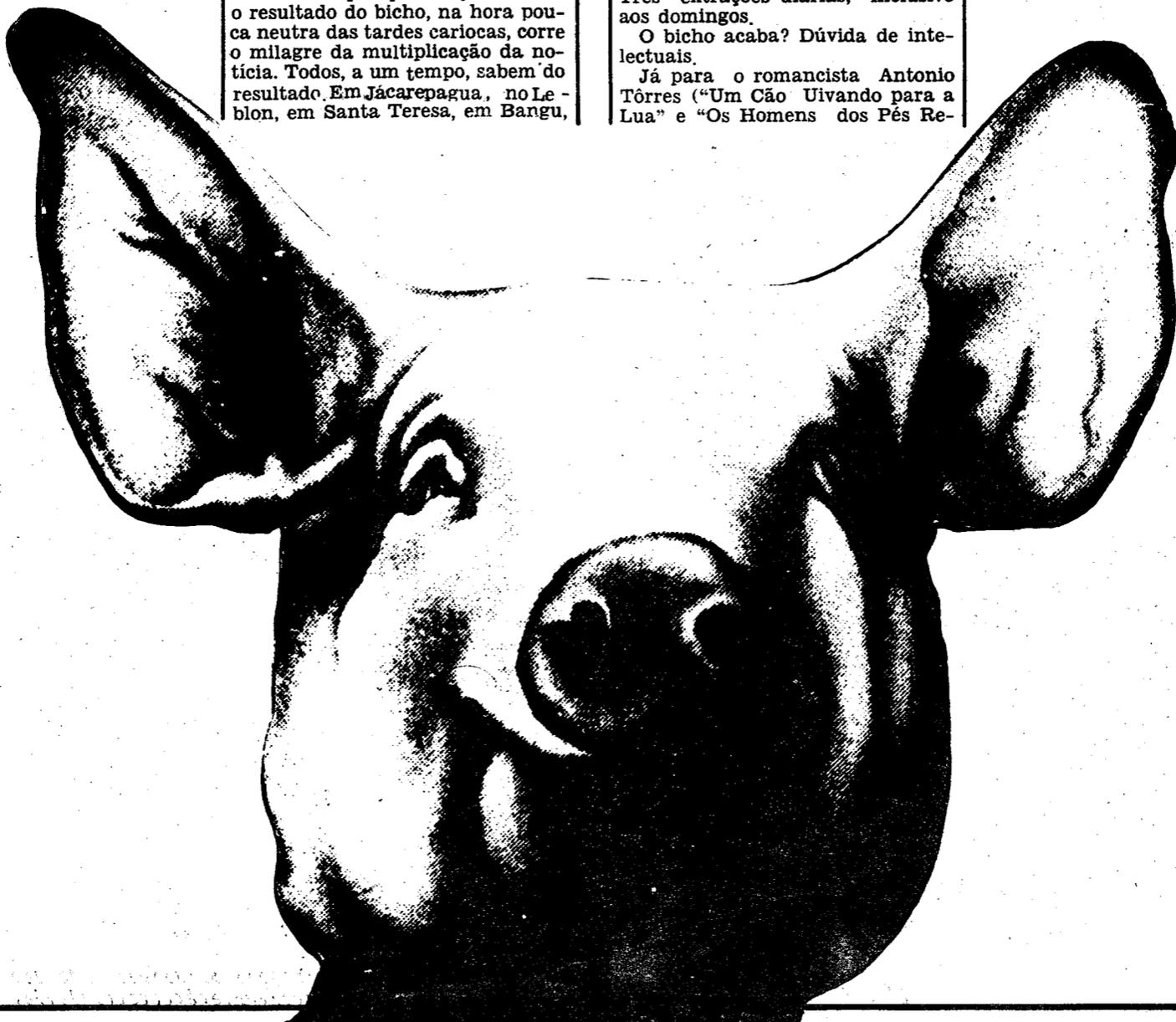
dondos"), que veio lá do sertão baiano, a coisa é assim:

— Na minha terra, lá no Junco sertão da Bahia, só aconteciam duas coisas: eleições de quatro em quatro anos, com comida e cerveja de graça para todos, e santas missões, de ano em ano. Um dia apareceu o jogo do bicho. Foi incrível. Todo lugar se transformou, como por encantamento. Minha mãe tentava adivinhar em cada sonho o bicho que ia dar. O bicho passou a ter uma ligação íntima com o lugar. Agora, eu já não tinha que ir para a rua apenas para comprar um quilo de açúcar ou um litro de sal. Tinha de trazer de volta a pulcra com o bicho que ela recomendou. E, de tardinha, eu tinha que voltar lá. Pra ver que bicho deu. E era assim com todo o povaréu da roça. De noite a rua se enchia, negrejava de gente, todos à espera do resultado do bicho. E era assim: assim que a roleta girava e o resultado saía, um grupo imenso corria pelas ruas, anunciando o resultado. Um dia, porém, alguém acertou no milhar, foi aí que o banqueiro se quebrou e não teve mais jogo de bicho. Ninguém sonhou mais, ninguém mais voltou à rua de noite. Não era mais preciso.

Já no Rio, para um leão-de-chácara, de um dos dois pontos de bicho da Rua Joaquim Silva, na Lapa, (que se dá ao luxo e à segurança de ter olheiros, escreventes, gente e um leão-de-chácara) a coisa do bicho é ainda mais simples e exultante. Na hora do fechar das apostas, ele vai para o meio da rua de paralelepípedos e bate palmas, chamando o povo passante.

— Podem chegar e fazer suas fezinhas. Esta é a instituição mais honesta do país.

João Antonio



ENTREVISTA COM GARCIA MARQUES.

— Qual é o lugar ideal para escrever?

— A ilha deserta, de manhã, e a grande cidade, à noite. Preciso de silêncio e muito boa temperatura para escrever das 9 da manhã até às 3 da tarde. À noite preciso de muitos amigos para conversar, e sempre tenho que estar em contato com a gente das ruas e bem informado sobre a atualidade. Isto corresponde ao que disse William Faulkner: a casa perfeita para um escritor é um bordel pois nas horas da manhã há muita calma para escrever, mas todas as noites há festa. É curioso, *The Baris Review* publicou esta declaração quando eu vivia precisamente num bordel, em Barranquilla.

— Fale-me desse bordel.

— Era um hotel muito grande, com quartos de tabiques de papelão, onde se escutavam os segredos dos quartos vizinhos. Eu reconhecia as vozes de muitos senhores respeitáveis da cidade, inclusive de alguns altos funcionários do governo, e me enternecia comprovar que a maioria não ia para fazer o amor, mas para falar de si mesma às suas companheiras. Como era jornalista, meu horário de vida era o mesmo das prostitutas. Levantávamos ao meio-dia, e nos reuníamos para tomar o café em família em algum dos quartos com as meninas e seus gigolôs, entre eles um famoso astro do beisebol do Caribe, que era um tipo estupendo. Entre ovos fritos e cerveja gelada, trocávamos os segredos da noite anterior. É curioso que as meninas comentavam sempre o que ouviam no quarto vizinho, mas não falavam nunca do que tinham dito para elas, como se também na ética de seu ofício existisse o segredo da confissão.

— O que você gosta mais em seus livros?

— Escrevê-los. Uma vez acabados, não me interessam mais. A prova é que, durante muitos anos, tive livros inéditos guardados num armário, e que nunca levei um original para um editor publicar.

— O êxito te incomoda?

— A fama me intimida, a consagração me parece a morte. Por isso não gosto de participar de espetáculos públicos e nunca assisti a nenhum ato de publicidade de meus livros. Compreendo que isso pode acabar em algo aterrador. Outro dia, à saída do teatro, uma senhora disse na minha cara: "Você não existe".

— Como gosta de ser lido?

— É bom que as pessoas aprendam a perder o respeito à literatura. Ainda restam muitos rastros de quando a cultura era um patrimônio oculto dos aristocratas. Nota-se isso até na atmosfera de panteão das livrarias, onde ninguém fala em voz alta nem pisa forte, e onde não se atreve a entrar ninguém que não seja um iniciado. Outra seria a sorte da humanidade se todo

mundo soubesse que O Quixote, por exemplo, não é esse aparato sagrado de que falam os pontífices, mas um livro divertido com o qual todo mundo pode morrer de rir sem necessidade de saber latim.

— Vejo que você não tem em casa muitos livros. Por quê?

— Tenho um enorme desprezo pelos objetos e não faço exceção com os livros. Minhas únicas propriedades são meus aparelhos de som. Os livros, uma vez lidos, eu dou de presente, pois sempre estorvam a casa, são feios e maus como elementos de decoração, e custa muito levá-los em viagem. Mario Vargas Llosa, que tem pelos livros um respeito sagrado, ficou chateado quando lhe contaram que, se minha mulher quisesse ler um livro que eu não tinha terminado, eu resolvia a situação de modo muito prático: cada vez que terminava uma folha, arrancava-a do livro e passava para ela.

— Mas te interessa guardar algum...

— Se interessa, volto a comprá-lo, a ler e a dar de presente. Comprei *Édipo Rei* uma infinidade de vezes, no mundo inteiro, e hoje não tenho. Os livros de Pablo Neruda me custaram metade da vida. Minha biblioteca pessoal se reduz a uns poucos volumes que gosto de reler, mas que não são os mesmos todas as épocas.

— Quais são os mais constantes?

— Conrad e Saint Exupéry, e não tenho nada de Tolstói, ainda que ache Guerra e Paz a melhor novela que já se escreveu.

— Você admite as influências de Faulkner e Virginia Woolf, para não falar de Sófocles ou de livros como *Diário do ano da Peste de Daniel Defoe* ou *Amadis de Gaula*. Mas dificilmente você fala de Hemingway e de Graham Greene. Não acha que eles também exerceram alguma influência em você?

— Não coloco os dois entre minhas influências, porque seus ensinamentos têm um simples caráter técnico, e eu acho que as técnicas literárias são valores de superfície que em última instância não pertencem a ninguém. Uma influência importante é a de um autor cuja leitura afete alguém até o ponto de modificar certas noções que ele tenha do mundo e da vida. Por isso menciono Kafka, Sófocles, Faulkner, Rimbaud...

— Virginia Woolf...

a poesia espanhola do Século de Ouro e a música de câmara de Schuman até Bartók.

— Você diz que os ensinamentos de Hemingway tem um simples caráter técnico. Concretamente, o que ele lhe ensinou?

— Duas lições práticas. A primeira, que o trabalho de cada dia deve ser suspenso quando já se sabe por onde começar no outro. Eu tinha antes o costume juvenil de escrever compulsivamente até esgotar numa jornada todo o material pensado, e na manhã seguinte enfren-

Lugar de escritor é na



tava o fantasma da folha em branco, sem saber por onde começar, e quando conseguia já estava cansado e de mau-humor. O conselho de Hemingway tem, além disso, a vantagem de permitir a alguém seguir enriquecendo na mente, durante o resto do dia, o que vai escrever no outro.

— E a outra lição?

— É mais simples. Em um dos seus contos de toureiros, Hemingway descreve o touro que investe contra o capote, passa ao largo, e logo se volta como um gato dobrando uma esquina. Só quando li isso tomei consciência de que tinha visto muitas vezes um gato dobrando uma esquina e, no entanto, nunca tinha notado que o faz de um modo muito especial e diferente dos outros animais. Ele não se separa da parede para dobrar a esquina, mas desliza contra ela, de modo que há um momento em que a cabeça está numa rua e o rabo na outra, porque tem a espinha dobrada em ângulo reto. Parece bobagem, mas só essa frase de Hemingway me deu uma ótica nova para observar o mundo.

— E Graham Greene?

— Ele me ensinou a decifrar o trópico. É difícil separar os elementos essenciais para fazer uma síntese poética, num ambiente que se conhece muito, e tem

tanto a dizer que no final não se diz nada. Era esse o meu problema com o trópico. Tinha lido com muito interesse Cristóvão Colombo, Pigafetta e os cronistas das índias que tinham uma visão original, além de Salgari, Conrad e os tropicalistas latino-americanos do início do século, que tinham os espelhos do modernismo, e encontrava uma distância muito grande entre sua visão e a realidade. Graham Greene resolveu esse problema literário de um modo que me pareceu correto: com uns poucos elementos dispersos, mas unidos por uma coerência muito sutil e muito real. Com esse método pode-se reduzir todo o enigma do trópico à fragrância de uma goiaba podre.

— Que outro conselho útil ou ensinamento técnico lembra ter recebido?

— Um que escutei de Juan Bosch, em Caracas. Disse que é preciso aprender na juventude o ofício de escritor, suas técnicas, seus recursos estruturais e até sua minuciosa e oculta carpintaria. Na realidade, até os 30 anos a pessoa escreve a jorros, se lhe ocorre mais do

que pode digerir, e se pensa que os conhecimentos artesanais são um estorvo e que é melhor a espontaneidade. Nesse momento é verdade, mas quando a espontaneidade se acaba, a pessoa fica sem nada se não aprendeu a tempo a sabedoria, porque os escritores somos como os papagaios: não aprendemos a falar depois de velhos.

— Cem Anos de Solidão se separa por completo da sobriedade, o rigor e o realismo de seus três livros anteriores. O que lhe permitiu romper aquelas estruturas racionalistas? O achado de uma nova linguagem?

— Não. Foi meu próprio processo de maturidade política. A educação na América Latina é tão rudimentar que alguém tem que se salvar nadando só. Fiz o bacharelado num antigo convento colonial sem calefação e sem flores, num lugar de mentalidade estreita, remoto e lúgubre, onde Aureliano Segundo foi buscar Fernanda del Carpio a mil quilômetros do mar. Para mim, que nasci no Caribe, aquele colégio era um castigo e aquele lugar gelado era uma injustiça. Meu único consolo era a leitura. Ali comecei minha formação literária, lendo os maus poetas dessas antologias oficiais. E comecei também minha formação política, lendo os livros de teoria marxista, que meu professor de história me emprestava escondido. Quando saí daquele calabouço, estava com 18 anos e não sabia onde ficava o norte, mas eu já tinha as duas convicções que vem sendo o fundamento de toda a minha vida: que o destino imediato da sociedade é o socialismo, e que toda novela deve ser uma transposição poética da realidade.

— Influuiu, pois, a convicção política sobre a convicção literária?

— Não. Os livros políticos que li ensinavam um método de interpretação da história mediante a análise da luta de classes nas relações de produção, mas nenhum me ensinou como se escreve uma novela. No entanto, quando publiquei *La Hojarasca* — nadando só — meus amigos militantes me criaram um terrível complexo de culpa. Um deles me disse: "É uma novela que não desmascara nada, e por isso faz o jogo do imperialismo e da oligarquia nacional". Agora acho um argumento simplista e equivocado, mas creio também que estava no espírito daquela época e que me de-

ram de boa fé. O caso é que me obrigaram a refletir. Era um dos tempos mais sangrentos da Colômbia, estavam sendo escritas muitas novelas infames sobre a violência realmente infame de que o país padecia, e eu senti que era meu dever separar-me um pouco de minhas primeiras idéias literárias e enfrentar a realidade imediata.

— É por isso que *O Veneno da Madrugada*, *Ninguém Escreve ao Coronel*, e a maioria dos contos de *Os funerais da Mãe Grande* têm uma estrutura racionalista?

— Sim, esses três livros são três aspectos de um mesmo tema central que tem raízes muito profundas na realidade de nosso país. Sua estrutura racionalista está determinada pela própria natureza do tema. Mas, de qualquer modo, como toda literatura premeditada, oferecem uma visão limitada e estática da realidade, e por melhores ou piores que pareçam são livros que acabam na última página. Não me arrependi de escrevê-los, mas eles constituem um tipo de novela circunstancial e bem mais estreita do que me acho capaz de fazer.

— Alguns críticos chegaram a vê-los como tentativas, exercícios ou buscas falidas para escrever *Cem Anos de Solidão*.

— Não me parece justo. São livros com valor próprio. Qualquer leitor cuidadoso sabe que pelo caminho de *O Veneno da Madrugada* não se chega a *Cem Anos de Solidão*.

— E a mudança de rumo?

— Precisei de que sete anos de reflexão, sem escrever uma letra, para encontrar outra vez o fio perdido de *O Enterro do Diabo*. Quando decidi correr o risco de *Cem Anos de Solidão*, e dos dois livros que estou escrevendo agora, foi porque minha própria maturidade política me fez ver que meus comissários estavam enganados, que o compromisso de um escritor de fôlego não é somente com a realidade política e social, mas com toda a realidade deste mundo e do outro, sem preferir nem menosprezar nenhum de seus aspectos. Foi uma espécie de clarividência ideológica que me conduziu a uma liberdade de criação mais ampla. A revolução cubana, com sua explosão imaginativa e sua atropelada humanidade, teve muito a ver com esta recuperação de minha consciência de escritor.

NA

— Vamos falar de Cem Anos de Solidão, ainda que o faça só por boa educação. Você confessava a amigos o desejo de escrever um livro "onde ocorresse tudo". Falava também de "um longo poema da vida cotidiana".

— Minha ambição original era encontrar uma solução literária integral, imediata e única, para todas as experiências que de algum modo me atingiram durante a infância. Não me dava conta que essa mesma ambição era uma prova de que estava um pouco no limbo infantil, pois o que um escritor adulto aprende primeiro é que alguém não escreve o que quer mas o que pode.

— Muitos críticos entenderam o livro como uma parábola ou alegoria da evolução da humanidade.

— Pois meu propósito era muito mais modesto e simples. Só quis deixar uma constância poética e bem mais compassiva do mundo da minha infância, que transcorreu numa casa grande e triste, com uma irmã que comia terra e uma avó cega que adivinhava o futuro em águas dormidas, e numerosos parentes de nomes iguais que nunca fizeram distinção entre felicidade e a demência, nunca perderam a pureza nem ganharam na loteria. Isto é o que entendo por um longo poema da vida cotidiana.

— Mas os críticos encontraram os livros outras coisas mais complexas.

— Se os críticos encontram coisas mais complexas, pode ser que tenham saído por válvulas inconscientes, mas pode ser também porque os críticos, ao contrário dos novelistas, não encontram nos livros o que podem mas o que querem.

— Como interpretar o papel da fabulação em Cem Anos de Solidão?

— Como uma tentativa de romper os limites estreitos que os cartesianos e os stalinistas de todos os tempos colocaram na realidade para que lhes custe menos trabalho entendê-la. Acho que esses limites não são físicos mas intelectuais, que nos ensinaram a ver as coisas de um modo e não queremos vê-las de outro, e eu não estou fazendo nada novo quando trato de romper esses condicionamentos mentais mediante transposições poéticas.

— Transposições poéticas de uma realidade.

— Claro. Em meus livros não há uma só linha que não esteja ligada a um fato real. Minha família e meus velhos

amigos sabem disso. Há quem me diga: "Acontece contigo o que não acontece com ninguém". Eu creio que acontecem a todo mundo mas não tem sensibilidade para registrá-las, nem hábito para vê-las, e que a grande maioria das pessoas cultas simplesmente as rejeita por simples deficiência intelectual.

— Podemos concluir pois, dizendo que, ao contrário, as coisas que acontecem em Cem Anos de Solidão parecem mais naturais na medida em que se desce no nível cultural?

— Sim, conheço gente do povo que leu o livro com muito cuidado, com muito gosto, mas sem uma admiração especial por um autor que ao fim e ao cabo não lhes conta nada que não se pareça com a vida que levam. Alguns, comentando as peripécias dos Buendía, me contaram outras coisas que gostariam de ver em meu livro.

— Pode inventar qualquer coisa?

— Em termos de trabalho, isso que estamos chamando de fabulação, enquanto procuramos um nome exato, levanta problemas muito interessantes. Acho que toda novela é uma representação cifrada da realidade — ou como se disse uma vez: uma adivinhação do mundo. Mas essa representação, em qualquer profundidade e em qualquer latitude, tem uma natureza própria, com suas leis precisas e invioláveis. O bom novelista não pode fazer o que lhe dá na cabeça, porque corre o risco de dizer mentiras, e isso é muito mais grave na literatura do que na vida real.

— Dê um exemplo

— Eu não tinha mais do que cinco anos quando um electricista foi trocar um contador de nossa casa. Recordo como se fosse ontem, porque me fascinou a corda com que se amarrava aos postes para não cair. Voltou várias vezes. Uma vez encontrei minha avó na cozinha, espantando uma mariposa com um trapo, e dizendo: "Sempre que esse homem vem, se mete na casa esta mariposa amarela". Esse foi o embrião de Mauricio Babilônia. Mas o interessante é que, por razões técnicas muito difíceis de explicar, me convinha que as mariposas da novela fossem azuis. Não conseguí mudar-lhes a cor. O personagem ficava falso com as mariposas azuis, e não começou a mover-se com vida própria enquanto as mari-

posas não tiveram a cor da realidade.

— Você continua indo ao cinema? Numa época, você gostava mais de cinema do que de literatura?

— Até os 30 anos fui ao cinema quase todos os dias, fiz crítica de cinema, assisti aos festivais, estudei direção de cinema em Roma, e não falava senão de cinema com toda a gente de cinema. No México fiz alguns roteiros — muito ruins, segundo dizem os entendidos —, mas também conheci a indústria por dentro e me pareceu impossível fazer um verdadeiro trabalho de criação com normas tão estreitas. Por isso não vou ao cinema mais de duas vezes ao ano, e quase sempre para ver filmes de meus amigos do Brasil que são os únicos que me interessam, talvez porque seu mundo é tão delirante quanto o meu e seus autores tão loucos quanto eu queria ser.

— Quais são os diretores que mais admira?

— Orson Welles, sobretudo por Uma História Imortal, e Kurosawa, sobretudo por Barba Vermelha. Mas o filme que mais gostei foi de Truffaut. Jules e Jim, e depois o General da Roverede Rossellini. O que mais me separou do cinema, como espectador, não foi o cinema mesmo, mas as condições para ver um filme. Tem que ser na hora fixada, que se fazer fila para comprar a entrada, que suportar os que chegam tarde e os que se beijam sem consideração, e por fim o filme, que quase sempre é ruim. Se fosse preciso fazer tudo isso para ler, ninguém leria.

— Acha que o cinema está em crise?

— O cinema está na idade em que estava a música quando só era possível escutá-la nos concertos. Eu ouço música pelo menos três horas diárias, mas nunca vou aos concertos, porque é como assistir a uma boda ou funeral: todo mundo está muito sério, te impõem um programa que querem, e logo tens que trocar opiniões com alguém. Por isso, quando quero música, aperto o botão. No dia em que isso for possível com o cinema, e será logo, verei mais filmes que agora. Mas ainda continuarei pensando que o cinema não será uma arte, e nem sequer uma diversão de boa qualidade, enquanto estiver condicionado a um regime industrial.

— Quería que você falasse de Camilo, Camilo Torres. Foi teu colega na Universidade.

— Então era uma pessoa bem imprevisível. Nos reuniões para falar de poesia e de política, como sempre naqueles cafés ruidosos e fúnebres onde os bêbados do amanhecer faziam que estavam dormindo para ficar sós com as garçonetes. Na mesa estava Camilo, que era mais sério, e estavam outros companheiros de Universidade que nunca voltamos a ver porque se tornaram ministros, e muitos outros que o diabo levou. Bogotá era então uma cidade muito mais velha do que agora.

— Lembra quando Camilo se tornou padre?

— Sim, fugiu para o seminário, seus pais o alcançaram na estação de trem e o encerraram num quarto como se fazia então com as senhoritas que fugiam com seus noivos. Ali o encontrei, repartindo seus livros entre os amigos e falando de uma vocação de sacrifício que ninguém suspeitara. Essa foi a primeira vez que o vi como era: absolutamente sereno mas absolutamente decidido.

— Exatamente a mesma atitude que tinha quando se meteu no monte. Quando você voltou a vê-lo?

— Em Paris, quase 10 anos depois, e ainda tinha o mesmo sorriso nos olhos e o mesmo sentido de humor permanente, ainda que um tanto pueril, mas agora parece que já se notava algo de sua predestinação um pouco precoce. Acho que sua maior força residia em nunca ter perdido a inocência.

— E a última vez?

— Foi em Bogotá, quatro anos antes de sua morte, quando levou um ladrão em casa. Quería que cuidássemos do ladrão enquanto lhe procurava um trabalho. O ladrão era um homem sigiloso e sombrio, que mastigava a comida com rara tenacidade, e que contava na mesa suas aventuras. Uma delas era a versão urbana de O Velho e o Mar: precisou da noite inteira, sem ajuda de ninguém, para roubar a geladeira de um apartamento no quarto andar, mas quando chegou na rua estava amanhecendo e a abandonou na esquina. Camilo lhe encontrou trabalho, mas a polícia, que o havia conhecido em seus tempos de ladrão, encontrou-o uma noite bem vestido e com um pouco de dinheiro no bolso, e simplesmente o matou com um tiro. Camilo me contou que tinha reconhecido e sepultado o cadáver, estou seguro de que já então sabia que ia morrer com um fuzil na mão.

— Como você se definiria politicamente?

— Sou um homem que não encontra onde se sentar. Os velhos partidos comunistas estão formados por homens honrados e castos, esterilizados pelo catecismo e apaziguados pela reverenda mãe soviética, que agora está mais interessada em fazer bons negócios do que em patrocinar a revolução. Isto é evidente na América Latina. Além de ajuda econômica que vem dando a Cuba, que é muito grande, a União Soviética não vem tendo a menor reticência em negociar com os regimes mais reacionários do continente, sem

nenhuma reserva de ordem política.

— No ano passado, você anunciou num jornal de Caracas seu desejo de se filiar ao novo partido venezuelano MAS (Movimento ao Socialismo). Que alcance tem para você essa adesão política?

— Não foi uma simples declaração. O MAS é um partido juvenil e imagino de grande clareza doutrinária, com uma política nacional própria que se sustenta na realidade, com um estupendo espírito de sacrifício pessoal. Ao mesmo tempo, e isso é formidável e novo, seus militantes sabem que a seriedade política não é incompatível com os bailes modernos, com os filmes de vaqueiros e com o sentido de humor, e que não lhes envergonha enamorar-se. Eu estou identificado com as suas reivindicações, sou amigo pessoal de muitos dos seus dirigentes.

— Alguém vai dizer que como colombiano você filiar-se a um partido da Venezuela.

— Gostaria de estabelecer esse precedente, para ir abrindo novas brechas na ficção das nacionalidades latino-americanas. A exportação de revoluções foi o signo de nossos países até que se inventou a legalidade da não intervenção. Bolívar foi lutando e fazendo política até a Bolívia, San Martín subiu até onde o cavalo alcançou. Petón exportou sua independência do Haiti, e os caudilhos federalistas do século passado andavam como por acaso do México até à Argentina. O general colombiano Rafael Uribe Uribe, que não chegou a fazer 32 guerras, todas perdidas, lutou uma vez ao lado da Venezuela liberal contra as tropas do regime arcaico de seu próprio país.

— Qual é o maior risco que você vê para um escritor na América Latina?

— Acho que há dois perigos: a estreiteza ideológica e a pressa de publicar. Como jurado de concurso, e pelos manuscritos que me mandam, parece que muitos são escritos para derrubar o governo, e a grande maioria está terminada, de qualquer maneira para chegar a tempo. É questão de paciência: são os editores que vivem dos escritores, e não o contrário, de maneira que são os editores que devem buscar o trabalho dos escritores. E de fato o fazem. Acreditem em mim, que não sei o que fazer com tantos editores no telefone. No entanto, precisei de cinco anos para que fizessem o favor de publicar meu primeiro livro. Isto parece um conselho, e nunca gostei de dá-los ou recebê-los. Mas não importa, deixa estar. Não sei por que, tenho a impressão de que esta é minha primeira entrevista de velho.

No próximo número, não percam a sensacional entrevista exclusiva de Eduardo Galeano: "García Marquez é um Mentiroso".

Fotos de Lewis Carroll, o autor de Alice no País das Maravilhas e no País dos Espelhos.



AMOR DE MENINA

Carta de
Carroll a Alice

Querida senhora
Hargreaves:

Acho que esta carta
chegará quase como uma
voz do além, depois
de um silêncio tão
grande. No entanto, não
aconteceu nenhuma
mudança de que possa
me dar conta na "minha"
faculdade de lembrança
dos tempos em que
trocávamos
correspondência
Vou percebendo o que
significa a perda de
memória num homem
velho, e me refiro



a novas amizades
(por exemplo, fiz
amizade, faz poucas
semanas, com uma
menina de uns 12 anos,
com quem dei
um passeio
e nem sequer posso
recordar seu nome
neste momento!);
mas minha memória
visual daquela que foi,
através de tantos anos,
minha amiga-menina
preferida,
é mais clara do
que nunca. Desde aquela
época tive dezenas
de amigas-meninas,
mas com ela
tudo foi diferente...



Do outro lado do espelho, o que Lewis Carroll gostava mesmo era de fotografar suas pequenas amigas. "Adoro crianças, exceto meninos", ele escreveu uma vez. Perto delas ele esquecia sua outra identidade - reverendo Charles Dogson nascido em 1832, estudioso de lógica, professor de matemática em Oxford, sério, tímido — e soltava seu mundo de fantasia.

Adorava também contar histórias, ensinar truques, inventar quebra-cabeças. Carroll estava sempre à procura de novas amiguinhas, abordando-as em trens, buscando-as na praia. Levava sempre uma pasta negra onde carregava jogos e, entre outras coisas, um estoque de alfinetes de segurança para prender a saia das garotinhas que quisessem entrar no mar. Mas tinha seus problemas. Um dia descobriu que havia beijado por engano uma menina já de 17 anos. Ficou horrorizado e escreveu uma longa carta pedindo desculpas à mãe da moça.

A futura atriz Irene Barnes também já estava crescida — 15 anos — quando foi passar um fim de semana na praia com Carroll. E, pelo que disse depois, não chegou a entender direito o coração do escritor: "Ele sentia um profundo amor pelas crianças, mas penso que não as compreendia muito bem. Seu grande prazer era me ensinar o Jogo da Lógica, um método que havia inventado para resolver silogismos, justamente quando uma banda tocava lá fora e a lua brilhava sobre o mar".

Mas o grande amor da vida de Lewis Carroll foi Alice Liddell, a menina de 10 anos para quem contou, na sexta-feira 4 de julho de 1862, as aventuras da outra Alice, a personagem. Foi durante um passeio de barco pelo Tâmesi, junto com seu amigo

Duckworth e as três irmãs Liddell (Lorina, 13 anos, e Edith, 8, além de Alice). "Paramos para tomar chá e só chegamos a Crist Church às 8 e 15, quando as levamos aos meus aposentos para ver minha coleção de micro-fotografias".



Carroll tinha 30 anos na época do passeio e nunca mais esqueceu Alice. A senhora Liddell, mãe das meninas, é que não gostava muito dessa amizade e procurou atrapalhá-la. Em seu diário, Carroll contou só que "caí em desgraça com a senhora Liddell desde o negócio de Lord Newry". O que o lorde andou fazendo não se sabe, mas é certo que a mãe de Alice queimou todas as cartas que Carroll havia mandado para sua filha.

Pressionado por todo o peso da época vitoriana, Carroll pediu que, depois de sua morte, as fotos e desenhos que fez de meninas nuas fossem destruídas ou devolvidas para seus modelos. "Se eu fosse desenhar ou fotografar a criança mais linda do mundo, e descobrisse nela o mínimo constrangimento em posar despida, penso que seria meu solene dever diante de Deus desistir do pedido imediatamente".

Morto em 1898, Carroll atravessou mais da metade do século 20 como um brilhante autor de histórias apenas infantis. Só no fim da década passada, reinterpretadas pelo underground, suas obras ganharam novos símbolos e "Alice no País dos Espelhos" acabou virando um transadíssimo especial da BBC em que Alice corria por um mundo louco igual ao de hoje.

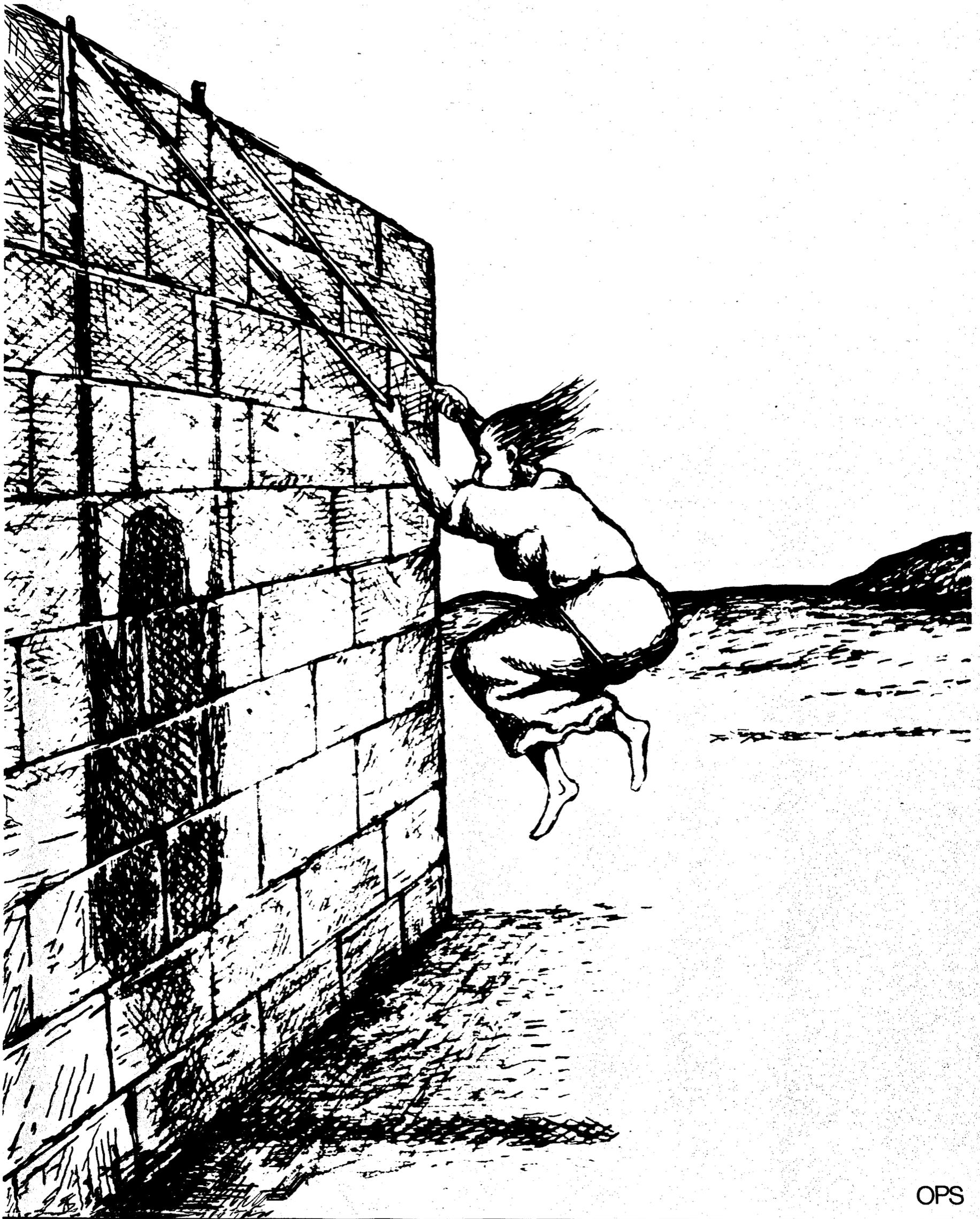


E Carroll nunca esteve tão na moda:

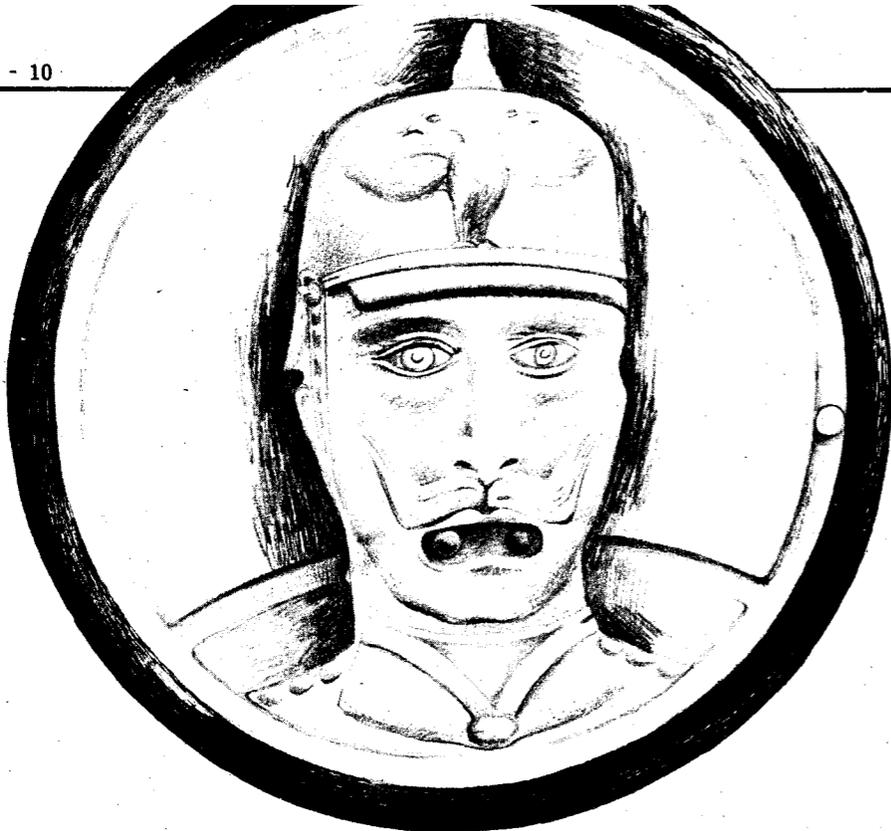
Brooke Shields, o modelo mais caro do momento nos Estados Unidos, que aparece sempre enrolada em vison, olhar provocante e lábios molhados, é uma garotinha fatal de 9 anos.

Você aí

Divirta-se



OPS



O CONTRA-CONTO

Norman Mailer

Dizem por aí que os contos deste autor não são esplêndidos. Nem inesquecíveis. Nem "diferentes". Ele não possui o dom de escrever grandes contos. Talvez nem sequer contos bons. A rigor, ele mesmo confessa que não tem nem o interesse, nem o respeito e nem o adequado temor. O conto enche um pouco o seu saco. Admite que muito poucas vezes os lê. Secretamente, ele não gosta dos escritores que se dedicam ao conto. Sente um desdém pessoal pelas reputações que granjearam. E deve fazer uma horrível confissão: pensa que o conto é relativamente fácil de se escrever. Só é necessário fazê-lo bem durante um dia. Ou uma semana. Não se precisa nada desta árdua colaboração entre o caráter e a paixão, entre a inspiração e o ascetismo, que compõe o equilíbrio à beira do abismo de uma novela, na qual é preciso trabalhar dia após dia, muitas temporadas, vários anos. Qualquer um pode ser competente durante uma semana, mas quem consegue ser durante um ano, ou dois, ou três? E se é possível sentir admiração ou afeto por uns poucos escritores de contos como Checov ou Hemingway, por Isaac Bashevis Singer, por James T. Farrell, a lista na realidade não é tão grande. Ele não sente um verdadeiro desejo de incluir Maupassant, Steinbeck ou Katherine Anne Porter, ou Katherine Mansfield. E se Maugham sempre proporcionou prazer, assim como A. Conan Doyle e Edgard Allan Poe, Hawthorne pareceu ilegível. E ainda que se possa admitir que Joyce é um mes-

tre em "Os Dublinenses", ninguém tem bulufas a ver com isso. Para quê continuar com esta lista? Evidentemente estamos diante dos gostos de um tipo muito grosseiro. Parece claro que o conto não lhe interessa muito. O homem diz a verdade. Seus contos o demonstram. (Norman Mailer)

A Novela Mais Curta de Todas

Atravessávamos as telas de arame farpado quando uma metralhadora começou a atirar. Eu continuei caminhando até que vi minha cabeça no chão.

— Deus, estou morto — disse minha cabeça.

E meu corpo caiu.

É isto

No princípio ela acreditou que podia matá-lo em três dias.

E quase conseguiu. O coração dele quase não podia suportar os elogios dela.

Logo pensou que levaria três semanas. Mas ele sobreviveu.

Então ela revisou seus cálculos. Fixou um prazo de três meses.

Três anos depois, ele continuava vivendo. Portanto casaram.

Estão casados há 30 anos. As pessoas falam deles calorosamente. São conhecidos como o casal mais perfeito da cidade.

Só há uma coisa errada. Todos os filhos morrem.

TRISTE SORTE DAS GRANDES IDÉIAS

Brecht

Ziffel olhava com ar sombrio os povoados jardins do Ministério de Assuntos Exteriores, onde deveriam lhe renovar a permissão de residência. Num jornal sueco, exposto numa banca, havia visto as notícias sobre o avanço dos alemães na França.

ZIFFEL — As pessoas fazem fracassar todas as grandes idéias.

KALLE — Meu cunhado estaria de acordo com você. Perdeu um braço numa engrenagem de transmissão e ele teve a idéia de abrir um armazém onde venderia artigos de mercearia como agulhas, linha e algodão de serzir, porque as mulheres gostam de fumar, mas não de ir ao armazém. A idéia fracassou porque não conseguiu a licença. Mas não se importou muito porque, de qualquer modo, nunca conseguiu o dinheiro necessário.

ZIFFEL — Isso não é o que eu chamo de uma grande idéia. Uma grande idéia é a guerra total. Você leu, como nestes dias, os civis perturbaram o avanço da guerra total? Dizem que jogou por terra todos os planos do Estado Maior. Dificultou as operações militares porque as hordas de fuggitivos bloqueavam as estradas e impediam o movimento das tropas.

Os tanques ficaram detidos pela gentalha quando finalmente inventaram as máquinas que não atolam em pantanos e podem aer-rubar um bosque. As pessoas famintas devoraram as reservas de provisão das tropas. Assim é que a população civil revelou-se uma verdadeira praga. No jornal, um técnico em questões logísticas declarou com inquietação que a população civil se converteu num grande problema para os militares.

KALLE — Para os alemães?

ZIFFEL — Não para eles mesmos; populações francesa para os militares franceses.

KALLE — Isso é sabotagem.

ZIFFEL — Pelo menos nos resultados. Para que servem os mais meticulosos cálculos do Estado Maior, se o povo sempre se mete no meio e provoca a insegurança no cenário da guerra? Nem as ordens, nem as advertências, nem as exortações, nem as chamadas à razão, parecem conseguir remediá-lo. Apenas apareciam sobre uma cidade os aviões inimigos com suas bombas incendiárias, tudo o que tinha pernas saía correndo, sem parar para pensar nem por um instante que perturbavam sensivelmente as operações militares. Os habitantes empreendiam

a fuga sem consideração.

KALLE — E quem tem culpa?

ZIFFEL — Tinha que ter sido pensado a tempo a evacuação do continente. Só o alijamento total da população poderia permitir o desenrolar racional das operações e o aproveitamento integro das novas armas. E teria que ser uma evacuação permanente porque as guerras modernas estalam com a rapidez de um raio, e se nesse momento não está tudo acertado, isto é, se no se mudou de lugar as pessoas, tudo está perdido. E esta evacuação teria que ser levada a cabo no mundo inteiro, porque as guerras se alastram numa velocidade vertiginosa e nunca se sabe onde vai se desatar a ofensiva.

KALLE — Uma evacuação permanente no mundo inteiro. Isso requer organização.

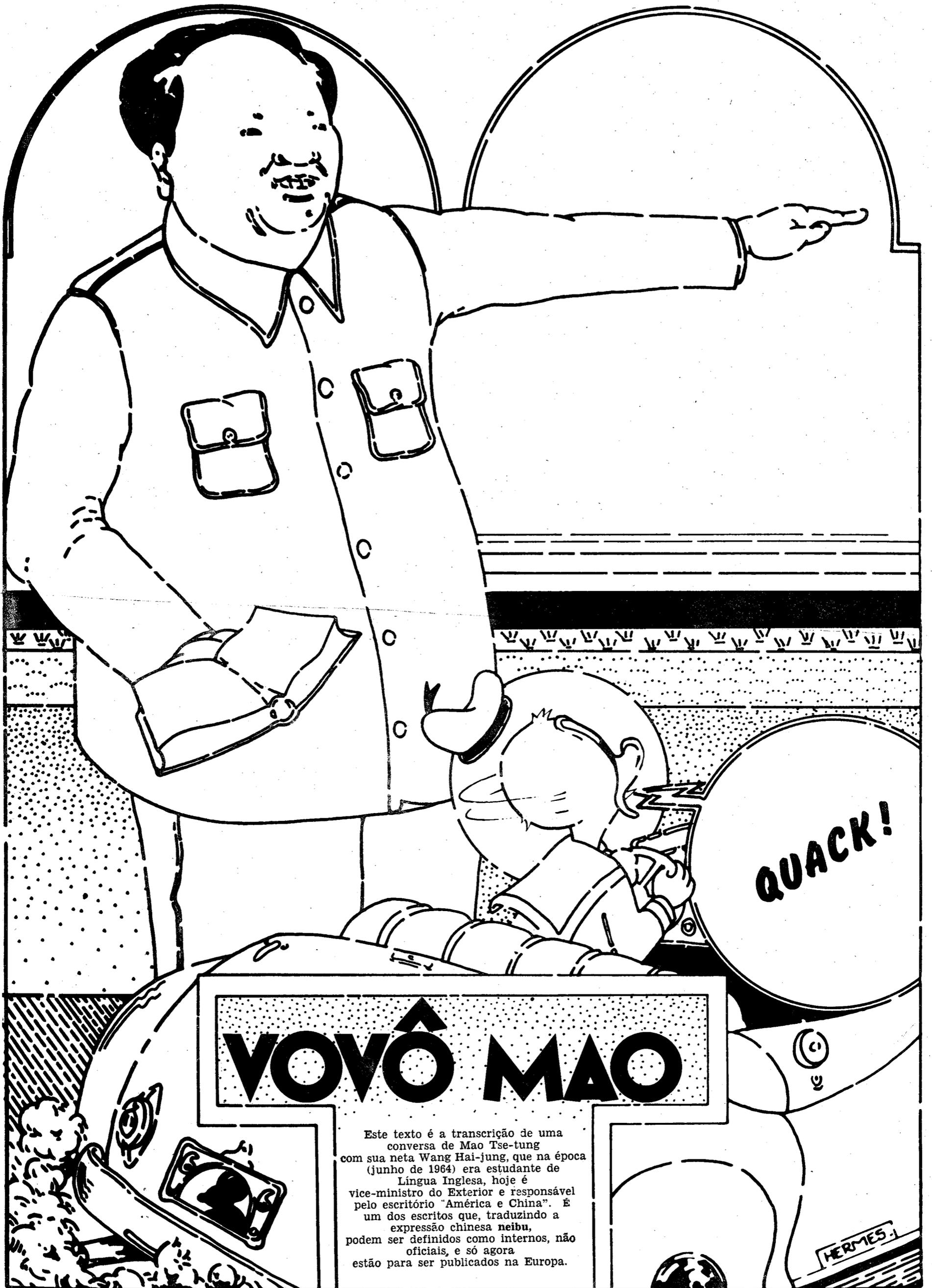
ZIFFEL — Existe uma sugestão do Gal. Amadeo Stulpnagel que seria aplicável, ao menos como solução provisória. O General propõe que a população civil seja depositada, por meio de aviões de transportes e paraquedas, por traz das linhas contrárias, em território inimigo. Isto produziria um duplo efeito no sentido desejado. Primeiro se liberaria o campo de operações, o desenvolvimento das tropas poderia ser efetuado sem contratempos e os viveres beneficiariam integralmente o exército; segundo, se semearia o desconcerto na retaguarda inimiga. As vias de acesso e as linhas de comunicação do adversário seriam bloqueadas.

KALLE — Isso é o ovo de Colombo! Como já disse o Fuhrer, os ovos de Colombo estão jogados nas ruas. Ba... venha alguém e os levante, mas isso ele se referia a si mesmo.

ZIFFEL — Esta idéia é autenticamente alemã pela sua audácia e seu caráter não convencional. Mas não é uma solução definitiva para o problema. Porque, como é lógico, em represália, o inimigo também lançaria imediatamente a sua população civil em território contrário. A guerra sempre se rege pelo princípio "olho por olho, dente por dente". Uma coisa é segura: se não se quer que a guerra total se transforme só num projeto para o futuro, terá que se encontrar uma solução. A alternativa é muito simples: ou se faz desaparecer a população, ou a guerra total é impossível. Qualquer dia e pronto, terá que se tomar a decisão.

Ziffel esvaziou seu copo tão lentamente como se fosse o último. Depois se separaram e se afastaram, cada um para o seu lado. (de "Diálogos de Fuggitivos")





VOVÔ MAO

Este texto é a transcrição de uma conversa de Mao Tse-tung com sua neta Wang Hai-jung, que na época (junho de 1964) era estudante de Língua Inglesa, hoje é vice-ministro do Exterior e responsável pelo escritório "América e China". É um dos escritos que, traduzindo a expressão chinesa neibu, podem ser definidos como internos, não oficiais, e só agora estão para ser publicados na Europa.



Wang — Fala-se em nossa escola que teriam sido descobertos escritos reacionários, inteiramente em inglês, e exatamente no álbum-mural de nosso departamento.

Presidente — Que espécie de escritos reacionários expôs o tal sujeito?

Wang — Só sei de uma: Viva Chiang.

Presidente — Como se diz isso em inglês?

Wang — Long Live.

Presidente — E o que mais escreveu?

Wang — Das outras frases, não sei nada; só conheço aquela; quem me contou foi Chang Ha-chih.

Presidente — Está bem. Deixem que esse sujeito afixe em público algum outro escrito: todos devem ver. Por acaso isso mata alguém?

Wang — Não sei se mata ou não mata alguém. Mas se encontrarem quem foi, acho que se deve expulsá-lo da escola e mandá-lo à "reeducação através do trabalho".

Presidente — Desde que não mata ninguém, não se pode nem expulsá-lo nem mandá-lo para a "reeducação através do trabalho"; deve ficar na escola e prosseguir os estudos. Vocês podem fazer uma assembléia e fazer com que ele diga por que gosta de Chiang Kai-shek. Vocês também podem falar, e dizer por que não gostam de Chiang Kai-shek. Quantos vocês são, na escola?

Wang — Mais de três mil, incluindo os professores e os empregados.

Presidente — Não seria um problema, se entre três mil e tantas pessoas houvesse umas sete ou oito defensoras de Chiang Kai-shek.

Wang — Já é incrível que apareça um. Se fossem sete ou oito, seria verdadeiramente espantoso!

Presidente — Você é uma boa figura! Se vê um escrito reacionário, fica toda indignada.

Wang — E por que deveriam existir sete ou oito reacionários?

Presidente — Se tiver algum a mais, pode servir como "ensinamento do exemplo negativo". O essencial é que não matem ninguém. Quantos filhos de operários e camponeses existem na vossa classe?

Wang — Além de mim, há outros dois filhos de quadros, os outros são todos filhos de operários e de camponeses pobres ou médio-inferiores. Estes vão indo muito bem. Eu aprendi com eles um monte de coisas.

Presidente — Você tem boas relações com eles? E eles com você?

Wang — Eu acho que nossas relações não são más; eu me dou bem com eles, eles se dão bem comigo.

Presidente — Bravos!

Wang — Em nossa classe há o filho de um dos quadros, que não se porta muito bem; durante as lições não presta atenção, em casa não estuda, só lê romances e às vezes (durante as horas de aula) fica dormindo na casa do estudante. No sábado, à tarde, quando temos assembléia, ele nem sempre aparece, e no domingo não volta no horário. As vezes a nossa classe ou os membros da Liga Juvenil têm assembléia de domingo à noite, e ele não comparece; todos já entenderam que tipo ele é.

Presidente — Me diga uma coisa: os vossos professores permitem que vocês fiquem dormindo ou lendo romance durante as aulas?

Wang — Não, é claro.

Presidente — Deve ser permitido aos estudantes ler romances durante as lições, deve ser permitido dormir durante as lições. Os professores devem dar menos aulas e fazer com que os alunos leiam mais. Eu acho que o estu-

dante de quem você me falou talvez no futuro faça algo de bom. Ele tem a coragem de não participar das assembléias do sábado, e se arrisca até a não voltar no horário nas noites de domingo. Quando você voltar, diga uma coisa a esse estudante: se ele volta para a escola às 8 ou às 9 da noite, é muito cedo; deve poder voltar tranquilamente às 11 ou meia-noite. Gostaria de saber quem é que obriga vocês a terem assembléias nas noites de domingo!

Wang — Antes, quando eu ainda frequentava os cursos de didática, normalmente não era permitido organizar assembléias no domingo à noite. Normalmente a noite de domingo era livre e os estudantes faziam o que bem entendiam. Uma vez tivemos uma conferência das células da Liga; alguns quadros, presentes ao debate, queriam fixar as atividades organizativas para um domingo à noite; mas no fim, muitos membros da Liga eram contra. Alguns deles foram até o responsável pela direção política e lhe expuseram o problema: nós temos a noite de domingo livre e podemos ir até tarde. Em seguida, o responsável apoiou a opinião do pessoal da Liga, exigindo que fizéssemos as assembléias em outro dia da semana.

Presidente — Este responsável pela direção política comportou-se bem.

Wang — Agora, no entanto, toda a nossa noite de domingo fica ocupada por assembléias; se não tem assembléia de classe, tem a do comitê das células da Liga ou então alguma outra reunião a nível de classe, ou uma reunião do grupo de estudos sobre os objetivos do Partido. Fiz as contas: neste semestre, desde o começo das aulas até o dia em que sai de férias, não tive uma só noite de domingo sem assembléia.

Presidente — Quando você voltar à escola, deve ser a primeira a rebelar-se. Se fizerem assembléias, você não vai e pronto.

Wang — Não me arriscaria: o regulamento da escola estabelece que a gente precisa voltar mesmo no domingo. Os outros diriam que eu estou desrespeitando o regulamento.

Presidente — Regulamento ou não, o que você tem com isso? Você simplesmente não volta e depois dirá: sim senhores, eu contrariei o regulamento, e daí?

Wang — Não posso fazer isso. Serei criticada.

Presidente — Tenho a impressão que de uma pessoa como você não se pode esperar nada de especial, no futuro. Tem medo que falem que você contraria o regulamento, tem medo de ser criticada, tem medo de receber uma admoestação; agora você tem medo de ser expulsa da escola, depois vai ter medo de não ser aceita no Partido. De tudo o que se pode temer, o pior seria certamente uma expulsão da escola. Mas a escola deve consentir que os estudantes se rebelam; quando você voltar lá, deve ser a primeira a rebelar-se.

Wang — As pessoas não parariam mais de falar mal de mim; uma parente do Presidente que não dá atenção nem por sonho às palavras do Presidente e é a primeira a ir contra o regulamento da escola. Diriam que sou orgulhosa e presunçosa, que não tenho educação nem disciplina.

Presidente — Ah, ficamos na mesma? Primeiro temos que as pessoas te critiquem dizendo que você é orgulhosa e presunçosa; depois, que te acusem de não ter educação e disciplina. Mas do que

você tem medo? Você dirá exatamente isso: eu escutei as palavras do Presidente e foi por isso mesmo que me rebeli. Me parece que o estudante de que você me falou um dia será mais objetivo que você; ele teve a coragem de se opor ao regulamento escolar. Tenho a impressão que vocês todos estão um tanto "enredados" na metafísica. Mas falemos mais de problemas do estudo.

Wang — Hoje ninguém pode ler obras clássicas chinesas. Na minha classe, esse jovem, cujo pai é do Partido, é o único que lê os clássicos; todos se empenham em aprender o inglês; ele lê apenas o "Sonho do Quarto Vermelho". Nós estudantes sabemos o que pensar a respeito do fato de ele ler "Sonho do Quarto Vermelho".

Presidente — E você, também leu?

Wang — Li.

Presidente — De que personagens você gosta?

Wang — Não gosto de nenhum.

Presidente — O "Sonho do Quarto Vermelho" precisa ser lido, é um grande livro. Precisaríamos ler não como um conto, mas como história, porque é um romance histórico. A linguagem do autor é a melhor dos romances clássicos. Veja por exemplo com que vivacidade Ts'ao Hsüeh-ch'in revela a irmã Feng. Esse personagem da irmã Feng é descrito com perfeição; você nunca conseguiria fazer uma coisa assim. Se você não lê um pouco do "Sonho do Quarto Vermelho", como vai saber alguma coisa sobre a sociedade feudal? Há uma longa poesia de Tu Fu chamada "Campanha em Direção ao Norte", você leu?

Wang — Não a li, não. Nas "Trezentas Poesias da dinastia T'ang" ela não está.

Presidente — Você a encontra na "Antologia da Poesia T'ang". (O presidente tira o livro, folheia-o, acha a poesia e a dá à moça, para ler.)

Wang — Lendo esta poesia, a que problema devemos dar atenção? Precisaríamos antes de uma vacina, para não sermos influenciados.

Presidente — Mas você está mesmo enterrada até o pescoço na metafísica! Que espécie de vacina seria preciso? Deixemos estar as injeções! Se estamos um pouco influenciados, é disso mesmo que precisamos; é preciso descer bem fundo, para depois poder sair fora da casca. Basta conhecer bem a poesia inteira: não é preciso aprendê-la de cor. Pedem a vocês, na escola, que leiam a Bíblia ou os Sutra budistas?

Wang — Não os lemos, não; para que deveríamos ler esse tipo de coisas?

Presidente — Vocês querem traduzir e nem sequer lêem a Bíblia ou os Sutra? Mas isso é admissível? Você leu os "Contos Fantásticos de Liao"?

Wang — Não.

Presidente — Os "Contos Fantásticos de Liao" precisam ser lidos: os espíritos que estão descritos no livro são mesmo uns mandriões! E no entanto, como se fazem ativos quando precisam socorrer um homem! "Intelectuais", como se fala isso em inglês?

Wang — Não sei.

Presidente — Mas que figura! Estuda inglês todo o santo dia; ela também é uma intelectual, e depois não sabe nem como se fala "intelectual"!

Wang — Deixe-me procurar no dicionário.

Presidente — Procura, vai! Existe essa palavra?

Wang — Mas que coisa! Neste dicionário chinês-inglês não existe esse signo! Só tem a palavra

"intelecto". "Intelectual" não tem. **Presidente** — Deixa ver um pouco. (Wang dá o livro ao presidente). Só tem "intelecto"; este dicionário chinês-inglês não vale nada; faltam muitos signos. Quando você voltar à escola, lance a idéia de publicar um dicionário "chinês-inglês" feito como se deve, no qual esteja incluído o vocabulário político mais recente, e que explique o uso de cada palavra, com exemplos de fraseologia.

Wang — Como é que a nossa escola poderia publicar um dicionário? Não temos nem tempo nem pessoal para uma coisa assim; como poderíamos fazer?

Presidente — Na sua escola há muitos professores e estudantes; que medo vocês teriam de compilar um dicionário? Esse dicionário precisa ser publicado por vocês!

Wang — Está bem; quando eu voltar, apresentarei a idéia à direção da escola; acho que podemos dar conta dessa tarefa.

(De uma conversa com Wang Hai-jung, depois que o presidente recebeu visitantes estrangeiros)

Wang — Quando os hóspedes falam em inglês você entende?

Presidente — Não entendo. Falam muito depressa.

Wang — Quando você recebe alguém, não fala em inglês?

Presidente — Não, inglês não.

Wang — Não fala e nem entende inglês. Então, por que o estuda?

Presidente — Aprendo inglês para estudar a língua, para confrontá-la com o chinês; se houver jeito, eu me prometo aprender também um pouco de japonês.

(Um dia em que o presidente dá uma poesia de Wen-T'ien-hsiang para Wang-Hai-jung ler)

Presidente — Se o inimigo te captura viva, o que você faz?

Wang — Desde os tempos mais remotos, a vida do homem termina com a morte; por que um coração vermelho (por amor pátrio) não deveria resplandecer nos livros de história?

Presidente — Bem. Quando voltar à escola, leia 10 ou 20 clássicos do marxismo-leninismo. Leia alguma coisa sobre o materialismo. É evidente que o teu nível teórico não é excelente. Nos exames, não se deve ser reprovado; mas também não precisa sempre tirar um 30; tirando um 28 ou um 27 está bem.

Wang — Por que não se deve tirar um 30?

Presidente — Por que precisa dar duro e se matar? Não precisa tirar notas tão altas; se um estudar demais, prejudica a saúde. Pegue como exemplo o "Canto do Grande Vento", de Kao-tsu, imperador da dinastia Han:

"Uma grande vento se levanta, as nuvens voam para longe".

"A minha autoridade enche os Quatro Mares e eu voltei à pátria".

"Como achará homens pródigos que defendam as nossas terras?"

Esta poesia está escrita num estilo belíssimo, nela se exprime um sentimento muito forte. O autor da poesia, o imperador Kao-tsu, dos Han, nunca se aprofundou muito em livros, mas foi capaz de escrever uma poesia tão bela. Os filhos de nossos quadros dão muitas preocupações: não têm nenhuma experiência da vida, nenhum conhecimento da sociedade, e eí-os ali, julgando-se sei lá quem e exibindo uma grande presunção.

É preciso educá-los para que não dependam dos pais, da geração mais velha, e criem confiança só sobre si mesmos.

O silêncio nasce com a civilização e floresce com a Kultura; o silêncio é sintoma de progresso e evolução: ao mais alto nível de vida, maior índice de silêncio e viceversa. Com o silêncio se ganham rendas, se obtêm privilégios e se conquistam exceções. A tradição, a autoridade, a honra fundadas no silêncio e encaminhadas pela cegueira formam uma sociedade a qual ninguém se atreve a dar nome: nem os sociólogos e economistas!

O país do silêncio tem a pele seca e coberta de marcas de varíola, produzidas por obuses, meteoritos e especuladores de terreno. Os habitantes do país do silêncio tem a pele manchada, que tentam ocultar maquilandando-se diariamente com uma ligeira camada de argila em...

Um país sem memória nem nostalgia viu crescer o musgo nos cantos dos livros e aprendeu a sentar-se com sóbria elegância na cadeira elétrica.

Faz frio no país do silêncio. Uma camada branca cobre as mãos dos leitores de jornais, estendendo-se lentamente pelos braços e chegando a produzir congelações que devem ser controladas cirurgicamente. Também sofrem os rigores do clima os que escutam rádio: um vento polar penetra nos ouvidos produzindo frequentes otites e resfriados; e tampouco estão a salvo os olhos, que são cruelmente invadidos por frias agulhas de gelo que vêm do televisor. Os habitantes do país são todos velhos, os jovens foram sacrificados por juizes amnésicos e por sanguinários sacerdotes de obscuras religiões.

Há já muitos anos não nasce nenhuma criança no país, pois as mulheres grávidas, desafiando duros castigos, esperam melhores tempos para descarregar seu peso.

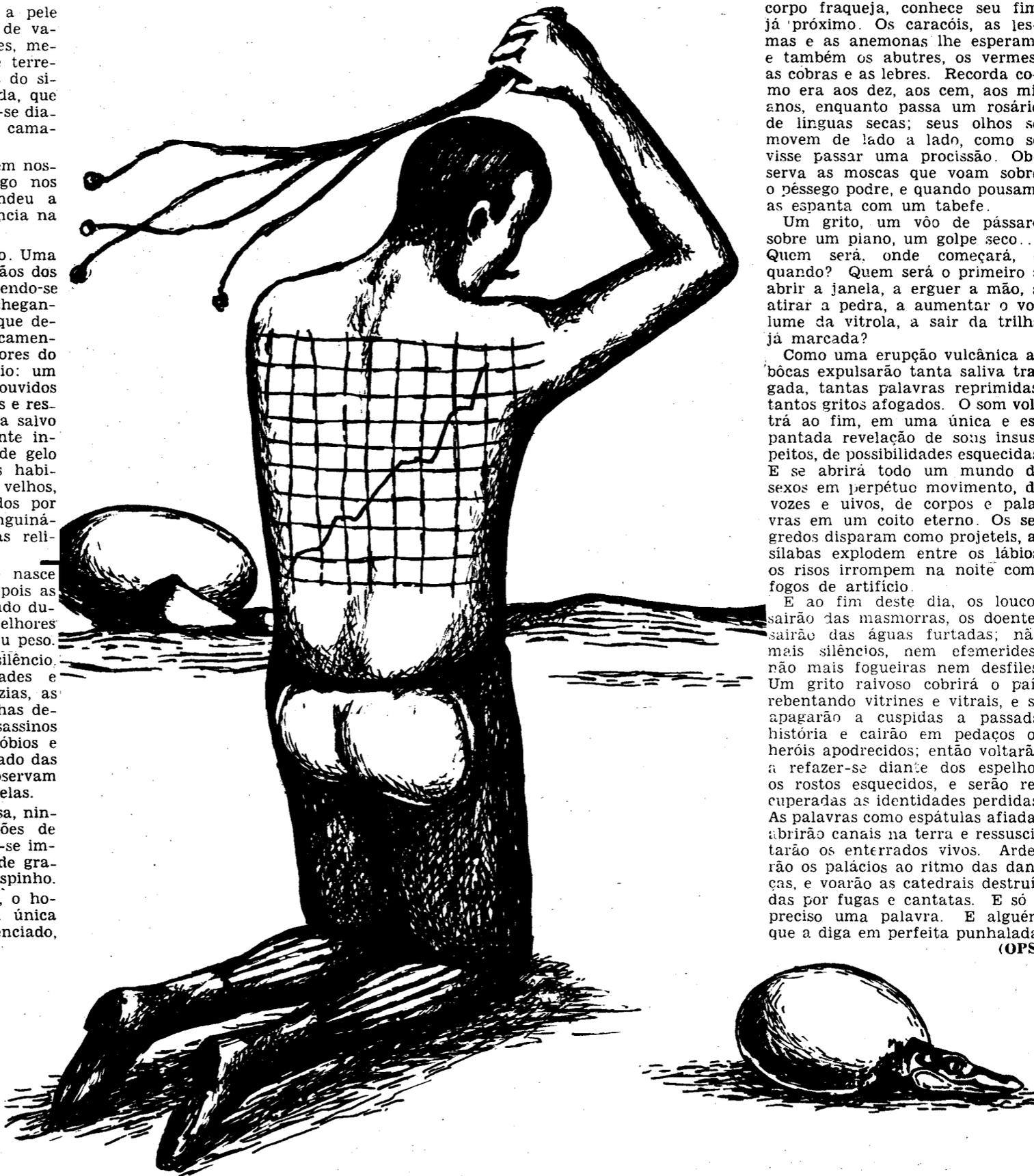
As cidades do país do silêncio, construídas sobre debilidades e desgraças, têm as ruas vazias, as praças solitárias, as muralhas desintegradas. Policiais e assassinos vigiam nas esquinas, micróbios e punhais assediam o outro lado das portas, pedras e nuvens observam através dos cristais das janelas.

Ninguém ousa sair de casa, ninguém faz o amor. Milhões de membros flácidos apastam-se impotentes contra muralhas de granito, caem sobre telas de espinho.

O país, a cidade, a casa, o homem do silêncio: imagem única do mundo exterior indiferenciado, lugar comum do mistério.

O PAÍS DO SILENCIO

País que nasce de um espanhol. Assina OPS. Desenha, escreve.



E cheira a umidade, a esterco, a fogo e pranto; tem a pele escamosa e coberta de semen seco: os olhos sem pupila, como seres de pedra em sua cabeça de feto. De quando em quando uma mão senil fricciona violentamente alguma parte do corpo, conseguindo arrancar um ligeiro espasmo e uma gota de esperma que recolhe cuidadosamente em uma colher. Sua, um milhão de gotas brotam de sua testa. É duro o trabalho de Sumo Sacerdote. Sabe que seu corpo fraqueja, conhece seu fim já próximo. Os caracóis, as lesmas e as anemonas lhe esperam, e também os abutres, os vermes, as cobras e as lebres. Recorda como era aos dez, aos cem, aos mil anos, enquanto passa um rosário de línguas secas; seus olhos se movem de lado a lado, como se visse passar uma procissão. Observa as moscas que voam sobre o péssimo podre, e quando pousam, as espanta com um tabefe.

Um grito, um vôo de pássaro sobre um plano, um golpe seco... Quem será, onde começará, e quando? Quem será o primeiro a abrir a janela, a erguer a mão, a atirar a pedra, a aumentar o volume da vitrola, a sair da trilha já marcada?

Como uma erupção vulcânica as bocas expulsarão tanta saliva tragada, tantas palavras reprimidas, tantos gritos afogados. O som voltará ao fim, em uma única e espantada revelação de seus insuspeitos, de possibilidades esquecidas. E se abrirá todo um mundo de sexos em perpétuo movimento, de vozes e uivos, de corpos e palavras em um coito eterno. Os segredos disparam como projéteis, as sílabas explodem entre os lábios, os risos irrompem na noite como fogos de artifício.

E ao fim deste dia, os loucos sairão das masmorras, os doentes sairão das águas furtadas; não mais silêncios, nem efemerides; não mais fogueiras nem desfiles. Um grito raivoso cobrirá o país rebentando vitrines e vitrais, e se apagarão a cuspidas a passada história e cairão em pedaços os heróis apodrecidos; então voltarão a refazer-se diante dos espelhos os rostos esquecidos, e serão recuperadas as identidades perdidas. As palavras como espátulas afiadas abrirão canais na terra e ressuscitarão os enterrados vivos. Arderão os palácios ao ritmo das danças, e voarão as catedrais destruídas por fugas e cantatas. E só é preciso uma palavra. E alguém que a diga em perfeita punhalada. (OPS)

EDITORES:
Marcos Faerman, Palmério Dória de Vasconcelos, Guilherme Cunha Pinto (redação), Hermes Ursini, Vanira Codato, Joca Pereira (arte).



REPÓRTERES:
Dácio Nitrini, Cláudio Faviera, Luis Carlos Guerrero, Lucrécio Jr.

COLABORADORES:
Delfim Fujiwara, Percival de Sousa, José Antônio Severo, Luis Henrique Fruet, Paulo Moreira Leite, Lúcia Villar, Sandra Nitrini, Polé, Edinilton Lampião, Edgar Vasques, Pharaó, Domingos Cop Júnior, Teresa Caldeira, Vilma Gryzinski, Sandra Abdalla, Marcel Faerman, Nelson Blecher.

PUBLICIDADE:
Paula Plank.

ADMINISTRAÇÃO:
Armindo Machado.

EX-

EX-Editora Ltda., r. Santo Antonio, 1043 - SP / NENHUM DIREITO RESERVADO / Ex- está assentado no Cadastro da Divisão de Censura de Diversões Públicas do DPF, sob n.º 1.341-P.209/73. Distribuição nacional: Superbancas Ltda. (R. Gualanazes, 248, SP). Tiragem: 17 mil exemplares. Impresso nas oficinas do Jornal Paulista, r. Oscar Cintra Gordinho, 46 São Paulo.



UM PAPEL DE RESPONSABILIDADE

A SELECTA RESPONSABILIZA-SE PELO PAPEL QUE VENDE: SÓ TEM DO IMPORTADO. E PELO PREÇO QUE COBRA: 40% MENOS QUE AS OUTRAS LOJAS. POR ISSO, PESSOAS DE MUITA RESPONSABILIDADE DIRIGEM-SE A SELECTA: PUBLICITÁRIOS, ARQUITETOS, ENGENHEIROS, ESTUDANTES.

VEGETAL SCHOELLER, EM ROLOS E FOLHAS MILIMETRADO, ONION-SKIN (BLOCOS), PARASSOL, OPALINE, CARMEN, CARTÕES DE DESENHO SCHOELLER, EM TODOS OS TAMANHOS, FOLHAS CORTADAS OU MARGEADAS, TODOS OS TIPOS DE BLOCOS DE DESENHO NUMERADOS.

DIRIJA-SE A

SELECTA

UMA LOJA PARA UMA CLASSE SELETA
Marquês de Itú, 134 (esq. Bento Freitas) Fone 37-7988

LAMENTO, PESSOAL, SEU PAULO ACABOU DE SAIR.



Depois que ficou famoso, o Paulo Gorodetchi não pode mais ver essas caras. Da próxima vez, vai mandar dizer que está em reunião com o Milton Glaser, com a capa do Zoom ou com o anuário Graphis. Na livraria Bux, ele só recebe o que o mundo tem de mais bonito.

BUX

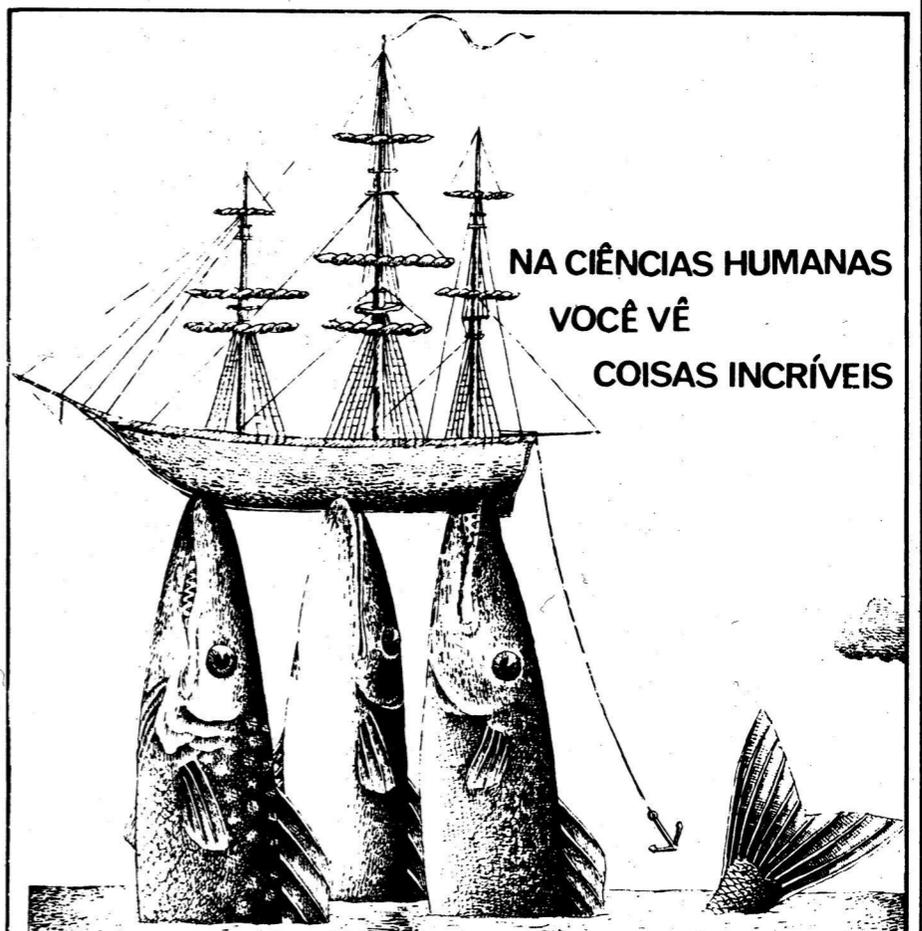
Livros e revistas, nacionais e estrangeiros.
Av. Faria Lima, 1508. Tel. p/recados: 32-3653

OTHÓN BASTOS PRODUÇÕES ARTÍSTICAS
APRESENTA



**CAMINHO
DE VOLTA**
DE CONSUELO DE CASTRO
DIREÇÃO
FERNANDO PEIXOTO

TEATRO ALIANÇA FRANCESA
R. GENERAL JARDIM, 182



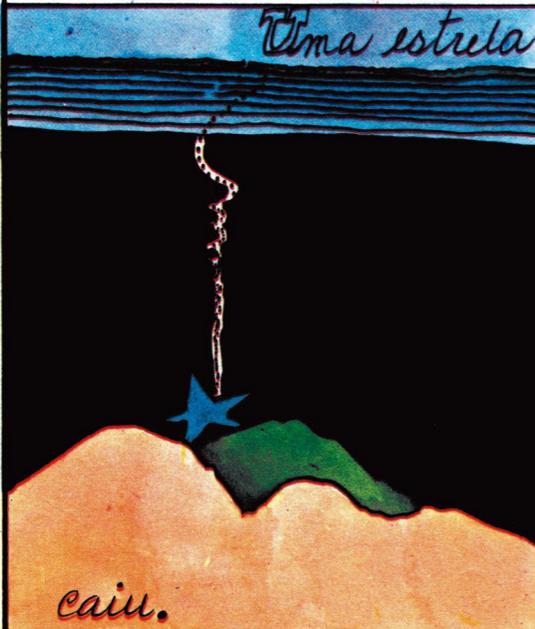
NA CIÊNCIAS HUMANAS
VOCÊ VÊ
COISAS INCRÍVEIS

A maior quantidade de Livros importados, RAROS, estranhos que você pode imaginar. Raul é o bom na antropologia, filosofia, política. Acabam de chegar: ARENDT, GUNTER KRANK, AS MITOLOGIAS DO LEVY-STRAUSS, LA IDEOLOGIA ALEMANA de MARX. É a CIÊNCIAS HUMANAS que dá assessoria bibliográfica até para professores atendendo pelo reembolso postal.

RUA 7 de ABRIL, 264 - LOJA B - FONE 36.9544 - C.P. 4439 - CEP 01044.



VOCÊ JÁ OLHEU PRO CÉU uma história de Marcel Faerman com desenhos de Sandra Abdalla



Uma estrela

caiu.



O velho e o menino levaram-na para casa.

era pequenina e cabia perfeitamente na mão.



Éna rara. Mais preciosa que a pérola o diamante o rubi.

O velho e o menino esconderam-na sob o braço da recordação dos filmes de Chaplin. Se os outros soubessem iriam até o céu e roubariam todas as estrelas.



O velho e o menino nada puderam fazer. As estrelas estavam maduras e cairam do céu.

Para cada pessoa havia uma estrela.



Resolveram guardá-las nos pratos, hincuím sabra para que serviam.

O tempo passou e as estrelas transformaram-se em pó. Houve vago sentimento de que algo importante fora perdido.



O velho e o menino perceberam que no desejo de Bem fizeram o Mal.

Morreram desaperaçados. Com eles morreu o segredo: a Esperança.



Durante séculos o céu permaneceu sombrio.

O Homem resolveu o problema da forma possível. Construiu estrelas artificiais. Colocou-as no céu.



Os papagaios não desistiram. Até hoje procuram falar.

Eu, tenho muito de papagaio. Por exemplo: não entendi a história que contei. Outro exemplo: todos a conheciam.



Também tenho muito dos judeus. Esperam o Messias. Espero estrelas verdadeiras.

Agora isso. Tenho a fé dos ateus. acredito que um dia os Homens tornar-se-ão tão maduros que cairão no céu.